

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em História**



Dissertação

**O *Getulino*: um jornal negro no contexto de “Ideologia do branqueamento”.**  
**Campinas, 1923-1926.**

**Ezequiel Nascimento Santos**

Pelotas, 2020

**Ezequiel Nascimento Santos**

**O *Getulino*: um jornal negro no contexto de “Ideologia do branqueamento”.  
Campinas, 1923-1926.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Patron Chaves

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas Catalogação na  
Publicação

S237g Santos, Ezequiel Nascimento

O Getulino : um jornal negro no contexto de “ideologia do branqueamento”. Campinas, 1923-1926. / Ezequiel Nascimento Santos ; Larissa Patron Chaves, orientador. — Pelotas, 2020.

89 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Imprensa negra. 2. Teorias racialistas. 3. O Getulino. 4. Pós-abolição. I. Chaves, Larissa Patron, orient. II. Título.

CDD : 070.9

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Ezequiel Nascimento Santos

O *Getulino*: um jornal negro no contexto de “Ideologia do branqueamento”.  
Campinas, 1923-1926.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 30/04/2020

Banca examinadora:

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Larissa Patron Chaves – PPGH/ UFPel (Orientadora)**  
Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS

**Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes – PPGH/ UFPel**  
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

**Prof. Dr. Edgar Gandra – PPGH/ UFPel**  
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

**Prof. Dr. Júlio César de Oliveira – UNISINOS**

Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS

## **Agradecimentos**

Sou muito grato ao Eterno, pela oportunidade de frequentar uma Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade como a UFPEL. Assim, agradeço a todos os professores do PPGH.

Tenho imensa gratidão para com as pessoas que me acrescentaram, recursos, orações carinho, ânimo e força nesta caminhada.

Sou grato aos amigos que fiz no Observasul, especialmente à professora Georgina Helena e a Mara Beatriz, grande companheira!

Aos meus amigos de longa data e aos novos, Yuri Yung pelas conversas, quase sempre acompanhado de um bom café, ao meu grande amigo e irmão Augusto Alcaráz. Também ao Paulinho Silva, Miguel Chinchón, Cleber Rocha, Hugo Aguinaga, Daniel Souza, o Alex Caleb, Naum Noberto, Marcele Andrade, Lucia Martins, e a Kelén.

Agradeço minha orientadora Larissa Patron Chaves pelas correções e sugestões.

Sou grato pela minha família, que sempre me apoiaram, aos de São Paulo, os do Rio de Janeiro e os da Bahia. Em especial minha mãe pelas orações!

Mas, por acima de tudo, sou muito grato a Deus que sempre guia meus passos e coloca as pessoas certas no meu andar. Sem ele, não teria conseguido chegar até aqui.

## Resumo

SANTOS, Ezequiel Nascimento. **O Getulino**: um jornal negro no contexto de “Ideologia do branqueamento”. Campinas, 1923-1926. 2020. 87f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Em julho de 1923 é criado na cidade de Campinas, São Paulo, o semanário Getulino com o título “*Orgam para a defesa dos homens pretos*”. Este semanário, produzido e distribuído naquela região entre os anos de 1923 e 1926, se orgulhava de ser “realizado somente por homens pretos” tendo como argumento a defesa da população negra local e nacional, através da divulgação de diferentes artigos, contos, fotografias e personalidades. Esta dissertação objetiva investigar a atuação social e política do periódico Getulino na cidade de Campinas, nas primeiras décadas do século XX, no contexto da “Ideologia do Branqueamento”. É possível identificar que o Getulino produziu inúmeros artigos que referem a diferentes temas, que vão desde as noções de pertencimento e identidade dos negros no Brasil à referência ao Abolicionismo e efemérides. Durante todo o período de sua existência, questões de boa representação e visibilidade do negro naquela sociedade foram produzidos. Desta forma, o conceito de representação é fundamental pois torna visível determinados interesses dos grupos que as forjam HALL (2016). Outras representações sobre o abolicionismo também estão presentes no semanário, como artigos centrais ou como textos secundários. A imagem como linguagem se faz presente nas estratégias de manutenção e, ou busca por pertencimento local. Para o jornal, a presença negra é um tema a ser trabalhado e logrado pelo exercício e esforço de todos. Para a análise metodológica desta pesquisa é referência o trabalho de Tania Regina de Luca (2005) e de Ana Flavia Pinto (2006), como ferramentas de análise da imprensa como fonte. Partindo da referência de Schwartz (2013) e Domingues (2004), a análise das páginas do jornal centram-se na contraposição de caracterizações expostas do negro naquela sociedade, ora como sujeitos de boa moral, honestos, brasileiros e protagonistas na sociedade, ora como devassos, criminosos, subalternos, malandros e sem pátria. Em última análise a pesquisa mostrou que o periódico fora importante para a comunidade negra da região, rechaçada e as margens de um processo de inserção, tanto no que refere a questões de visibilidade social quanto a questões políticas.

**Palavras-chave:** Imprensa Negra; O Getulino; Teorias Racialistas; Pós-Abolição.

## Abstract

SANTOS, Ezequiel Nascimento. **O Getulino**: um jornal negro no contexto de “Ideologia do branqueamento”. Campinas, 1923-1926. 2020. 87f. Dissertation (Master degree in History) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

In July 1923, the weekly *Getulino* with the title "*Orgam for the defense of black men*" is created in the city of Campinas, São Paulo. This weekly, produced and distributed in that region between the years of 1923 and 1926, prided itself on being “made only by black men” with the argument of defending the local and national black population, through the dissemination of different articles, stories, photographs and personalities. This dissertation aims to investigate the social and political performance of the *Getulino* periodical in the city of Campinas, in the first decades of the 20th century, in the context of the “Ideology of Whitening”. It is possible to identify that *Getulino* has produced numerous articles that refer to different themes, ranging from the notions of belonging and identity of blacks in Brazil to the reference to Abolitionism and ephemeris. During the entire period of its existence, questions of good representation and visibility of blacks in that society were raised. In this way, the concept of representation is fundamental because it makes visible certain interests of the groups that shape them HALL (2016). Other representations about abolitionism are also present in the weekly, as central articles or as secondary texts. The image as a language is present in the maintenance strategies and, or search for local belonging. For the newspaper, the black presence is a theme to be worked on and achieved by the exercise and effort of all. For the methodological analysis of this research, the work of Tania Regina de Luca (2005) and Ana Flavia Pinto (2006) is a reference, as tools of analysis of the press as a source. Based on the reference by Schwartz (2013) and Domingues (2004), the analysis of the newspaper's pages focuses on the contrast of exposed characteristics of blacks in that society, sometimes as subjects of good morals, honest, Brazilians and protagonists in society, sometimes as debauched, criminals, subordinates, rascals and homeless. Ultimately, the research showed that the journal had been important for the black community in the region, rejected and on the margins of an insertion process, both with regard to issues of social visibility and political issues.

**Keywords:** Black Press. *Getulino*. Racist theories. Post-Abolition.

## Lista de Figuras

Figura 1	<i>O Getulino</i> , Ano I	16
Figura 2	<i>O Getulino</i> , Ano I	44
Figura 3	Luis Gonzaga Pinto da Gama	55
Figura 4	Ruy Barbosa	67
Figura 5	Carlos Gomes	67
Figura 6	Visconde do Rio Branco	67
Figura 7	Francisco Glicério	67
Figura 8	Major Antônio Sarmiento	68
Figura 9	Francisco Glycerio	68
Figura 10	Patrocínio	68
Figura 11	Antônio Bento	68
Figura 12	Princesa Izabel	68
Figura 13	<i>O Getulino</i> . Concurso de Beleza, 1923	71
Figura 14	Registro Movimento Associativo, 1924	72

## Lista de Tabelas

Tabela 1	Categorias de Análise	26
Tabela 2	O negro no Imaginário das elites de São Paulo.	38

## Sumário

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I –</b>	
<b>O BRASIL DENTRO DE UM CONTEXTO DE “IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO” .....</b>	<b>29</b>
1.1 Brasil em um mundo racializado .....	29
1.2 Que negro é esse “objeto” da ciência? .....	35
1.3 A imprensa negra em um contexto de ideologia racialista em São Paulo.....	39
1.4 <i>Getulino</i> e o protagonismo negro .....	43
<b>CAPÍTULO II –</b>	
<b>GETULINO E SUA HISTÓRIA: O QUE DEFENDE O JORNAL?.....</b>	<b>48</b>
2.1 “Campanha Abolicionista”: um movimento presente no <i>Getulino</i> (1923-1926).....	48
2.2 Quem é o grande protagonista do <i>Getulino</i> ? .....	53
2.3 Campanha abolicionista no <i>Getulino</i> .....	58
2.4 As imagens do <i>Getulino</i> e a “Galeria dos Benfeitores” .....	64
2.5 E o pós-emancipação em suas páginas? .....	72
2.6 Negros e Brancos no <i>Getulino</i> : relações raciais e a ideologia permanente .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>85</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem como proposta investigar a presença da “ideologia do branqueamento” na imprensa do princípio do século XX, mais especificamente, a partir de Jornal da imprensa negra o “Getulino”, que teve sua criação e circulação na cidade de Campinas- SP e região, nos primeiros anos do século XX<sup>1</sup>.

É o historiador Andreas Hofbauer (2006) em seu livro “Uma história de branqueamento ou negro em questão” que analisa de forma histórica o branqueamento, argumentando que o tema está presente no contexto brasileiro desde o período colonial. Na sua introdução, apresenta o que pretende em seu livro e como compreende o “branqueamento” no Brasil.

[...] A ideia de transformar negro em branco pode ser interpretada como um ideário (ou “ideologia”) antigo que ganhou força simultaneamente com concepções específicas do mundo e do ser humano, tendo marcado desde o início a sociedade colonial brasileira. O ideário do branqueamento - uma característica importantíssima do “racismo brasileiro” – tem “atuado” como suporte ideológico” das relações de poder patrimonial que se estabeleceram e se firmaram no país. A partir do final do século XIX, a ideia do branqueamento, se transformou num argumento importante do discurso daquela parte da elite brasileira (político e cientista) que queria mudanças econômicas, mas, ao mesmo tempo, mostrava-se preocupada diante de qualquer mudanças nas relações de poder estabelecidas.” (HOFBAUER, 2006 p.26)

No livro, Hofbauer (2006) constrói seu argumento afirmando que o pensamento do branqueamento perpassou longos momentos históricos indo a fundo desde a Antiguidade. Nesse sentido, questiona autores como Thomas Skidmore e Lilia Moritz Schwarcz que afirmam que o branqueamento é “fruto do século brasileiro”. No entanto, entendemos que a Ideologia do branqueamento foi muito expressiva no Brasil, sobretudo entre os anos 1870-1930, pois foi de grande impacto social as teses

---

<sup>1</sup> O estudo do jornal *O Getulino* já foi realizado em outro momento de nossa trajetória acadêmica. Na pesquisa de trabalho de conclusão de curso, realizada na UNILA, em 2017, abordei a questão do pós-emancipação como problemática histórica (COOPER, et al.,2005) e sua presença a partir das discussões no periódico. Naquela ocasião, analisei o que o jornal concebia como pós-emancipação e como se reconhecia dentro deste contexto. Concluí que o periódico buscava uma segunda emancipação através da educação moral. A partir desse estudo, percebemos que o que se colocava como exemplos de educação muitas vezes tangenciava a discussão sobre raça, buscando exemplos que dignificassem esses homens de cor, uma necessidade presente em um momento pós-abolicionista.

do racismo científico, Guerra a negritude<sup>2</sup>, política de imigração branca por parte do estado dentro do contexto da Abolição e da República, e quiçá segue presente nas relações sociais na sociedade brasileira.

As teses do racismo científico tinham o negro como “objeto da ciência” e, portanto, os tinham como inferior. Para esta pesquisa teremos como análise uma fonte produzida pelos negros no início do século XX, a chamada “Imprensa Negra”.

São jornais da imprensa negra de São Paulo: “A liberdade” (1919), “A Rua” (1916), “A sentinela” (1920), “A voz da Raça” (1919), “Alvorada” (1945), “Auriverde” (1928), “Chibata” (1932), “Correio D’Ébano” (1963), “Elite” (1924), “Evolução” (1933), “Hífen” (1960), “Mundo Novo” (1960), “Niger” (1960), “Nosso Jornal” (1951), “Notícia de Ébano” (1957), “Novo Horizonte” (1946), “O Alfinete” (1918), “O Baluarte” (1904), “O Bandeirante” (1918), “O Clarim” (1935), “O Clarim do Alvorada” (1924), “O Estilo” (1935), “O Mutirão” (1938), “Progresso” (1928), “Senzala” (1946), “Tribuna” (1935)<sup>3</sup>.

Dentre inúmeros periódicos que circularam na região de São Paulo nos períodos de 1916-1960 escolhemos o jornal *Getulino*, que teve circulação na cidade de Campinas durante os anos 1923- 1926, pois foi dos poucos periódicos do período que se encontra disponível quase todas as edições<sup>4</sup>, além disso, a digitalização foi realizada com exemplares em bom estado que facilitou a leitura.

O nosso objetivo é entender como o jornal compreende, representa e interioriza as teses do “racismo científico”, que durante os anos 1870-1930 foram comuns nas instituições de ensino e de pesquisa no Brasil, nomeadamente “política de branqueamento”, e a “guerra a negritude”. Cabe recordar que a imprensa negra no Brasil está presente desde o ano de 1833, ano no qual aparece o primeiro jornal negro na cidade do Rio de Janeiro e tinha por nome “Homem de cor”.

Esta dissertação tem como proposta investigar o jornal *Getulino* no contexto que reproduz a “ideologia do branqueamento” como hegemônica, e como as teses do “racismo científico” que circulavam nas instituições de ciências e que andavam juntamente com a política do estado brasileiro aparecem na representação deste periódico. O Século XIX é conhecido pelo o século dos “*homens de Ciência*”, e é

---

<sup>2</sup> Georges Andrews (2007) em seu livro *América Afro-Latina* no quarto capítulo que intitula, “Uma transfusão sangue melhor” o qual analisa a política de branqueamento dos estados latino-americanos e tem um tópico de “A guerra à negritude”, no qual analisa como esses estados perseguiram as práticas de origem africana.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/periodicos/>>.

<sup>4</sup> Somente não tivemos acesso a edição nº1.

nesse período que haverá teorias científicas que terão como problemáticas a questão da raça, do negro, do índio e do mestiço Skidmore (2010), Schwarcz (2012). Eram as teorias do evolucionismo, positivismo e darwinismo social que dominavam e justificavam as ações que legitimavam o racismo, passando da ideologia para a prática social.

É a partir do XVIII que os sistemas de classificação dos humanos ganham espaço na ciência e lançando bases para o racismo científicos, pois não eram somente a classificação, mais também associações de grupos com animais, regiões e as hierarquizações dos tipos humanos. Autores como Buffon (1707-1788) que classificou os grupos humanos de acordo com o clima e os tipos físicos, influenciaram a Cornelius De Pauw (1739-1799) e simultaneamente elaboraram teorias acerca da América no qual afirmavam ser o Continente inferior e degenerado. O conde Arthur de Gobineau (1816-1882), teórico que viveu no Rio de Janeiro por quase dois anos, criticou o Brasil por ser um país mestiço, o que pode ser um exemplo da reverberação dessas teorias no pensamento do período.

São os intelectuais brasileiros que abraçaram as teorias racistas para interpretar o Brasil, o médico maranhense Nina Rodrigues, que será professor da faculdade de Medicina de Salvador, e João Batista Lacerda, que em 1911 foi convidado para participar do congresso Universal das raças em Londres. Naquela ocasião, João Lacerda fez uma previsão que dentre 100 anos o Brasil não seria mais negro, previsão falha, pois, anos se passaram e o Brasil se constitui, em grande parte, pela população negra. Nesse sentido, o historiador Petrônio Domingues demonstra que vários pensadores de São Paulo do início do século XX faziam previsões do desaparecimento do negro na sociedade brasileira.

Nesse sentido, os anos 1870-1930, constituem um recorte já usual pela historiografia, isto porque, o Brasil está passando por transformações no campo intelectual, com as fundações de instituições de ensino, reformas que se estendem ao campo social, econômico e político. Tudo isso reafirmado pelas políticas de imigração e leis que cada vez mais tendiam para abolição, como a lei do ventre livre de 1870 e a abolição propriamente dita, em dia 13 de maio de 1888.

Portanto, as teorias raciais serão hegemônicas neste contexto de virada de séculos do XIX para o XX. De acordo com Schwarcz (2010), nos anos trinta é a

decadência do “paradigma do evolucionismo social”<sup>5</sup>. Já Skidmore (2012) afirma que nesse período as teorias foram hegemônicas<sup>6</sup>, e o historiador Andrews afirma que foram anos em que as elites latino-americanas declararam guerra a negritude:

A civilização e a modernidade fundamentavam-se na ordem, na racionalidade, na disciplina e no controle. Para as elites da virada do século, essas danças e a cultura afro-latina, de modo geral, representavam a negação completa desses valores. Ecoando o racismo científico da época, as elites e as autoridades do Estado invocavam constantemente a suposta dicotomia entre a civilização europeia e o barbarismo africano e requeriam a supressão da cultura popular de raízes africanas em quase todas as suas manifestações. (ANDREWS, 2007, p.156)

Se por um lado, as elites detinham o discurso hegemônico da “ideologia do branqueamento”, como suas compreensões de “civilização”, “modernidade”, “progresso”, uma “negação da cultura afro-latina”, por outro, os setores populares também se apropriam dos valores dos grupos dominantes. De acordo com Domingues (2008) os jornais incorporaram a cultura europeia, em especial a francesa, como modelo de civilização e modernidade. Por isso, a cultura africana era considerada como inferior, da mesma forma que sua herança no Brasil, como a “macumba”, o samba e a capoeira”. Então é possível observar que os jornais da imprensa negra são “filhos de seu tempo”

No Brasil do início do século XIX serão criadas várias instituições que acolherão as teses do “racismo científico que estavam decadentes na Europa” Skidmore (2012). “No momento em que as teorias raciológicas entram em declínio na Europa, elas se apresentam como hegemônicas no Brasil” (ORTIS, 2012 p.29).

Essas instituições eram as faculdades de medicina do Rio de Janeiro e de Salvador, as Faculdades de Direito do Rio e de Recife, os Institutos Históricos e os Museus. São estes espaços que adotarão as teorias raciais e que terão, pela projeção dos institutos de formação, grande circulação educacional. Intelectuais como Nina Rodrigues (1862-1906), Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), João Batista de Lacerda (1846-1915) e Silvio Romero (1851-1914), Oliveira Viana (1883-1951),

---

<sup>5</sup> Os temas sobre o racismo científico e as instituições nos quais suas ideias circulavam estão presente no livro “O espetáculo das Raças” (2012) da historiadora e Antropóloga Lilia Moritz Schwarcz. Neste livro, a autora busca contextualizar a presença de teorias científicas nas instituições de ensino e de pesquisa no Brasil.

<sup>6</sup> Nos anos de 1970 o historiador norte-americano Thomas Skidmore estudou o pensamento das elites do Brasil. Skidmore nos apresenta que as teorias do racismo científico, nos quais consideravam o negro como inferior, foram incorporadas pela elites brasileira, sinalizando que as políticas de estado possibilitaram a migração massiva de europeus para “civilizar” o país.

Euclides da Cunha (1866-1909) legitimaram esse pensamento, como médicos, jornalistas, escritores, de um determinismo da raça e mesmo da terra como fator preponderante para pensarmos a cultura brasileira. É nesse contexto que percebemos a força de uma mentalidade, como ela se forma de maneira circunstancial, e como acaba por servir de argumentação para a percepção que se tinha, e se tem, dos grupos sociais no Brasil. Estes intelectuais vão pensar as teorias raciais para explicar a questão racial no Brasil, e o negro, o índio o mestiço passam ser objeto da ciência Schwarcz, (2012).

Nesse sentido, estas teorias, iniciadas no princípio do século XIX, tinham como proposta tornar o Brasil um país branco, para alcançar o “progresso” e a “civilização”, e assim, passar a substituição de mão de obra escrava pelo trabalho do homem branco e assalariado. Ressaltamos que não é a Abolição o reforço da teoria do branqueamento em si, mas o fato de como ela foi usada, não como um ato altruísta e sim, como justificativa para o afastamento de uma etnia presente na sociedade. O extirpar ou estancar a presença de um grupo em detrimento de outro é reforçado nos anos de 1860 e 1880, considerados de imigração europeia em massa para o Brasil.

Portanto, o Brasil era um país composto pela população de origem africana, mestiça e indígena, e as elites intelectuais e políticas recorriam as explicações científicas afirmando que o país precisaria “embranquecer” para alcançar o progresso/civilização. A preocupação das elites e o olhar dos viajantes era de um Brasil mestiço, isto quer dizer que a miscigenação não era algo positivo. Cabe lembrar que desde o período colonial e imperial são os diários dos viajantes que registraram muitos fatos da história do Brasil.

A imprensa negra surgiu no auge das teorias do racismo científico no país, as quais apregoavam a inferioridade inata do negro. Estadistas, políticos e intelectuais desejavam o branqueamento da nação e desassistiram os escravos e seus descendentes. Nesse contexto, o discurso racial produzido por aquela imprensa ganha contornos de ação afirmativa, uma vez que era reivindicada a promoção de oportunidades equânimes do negro em relação ao branco na sociedade brasileira. (DOMINGUES, 2008, p.54)

A partir das observações de Domingues é possível perceber que, enquanto o Brasil vivia em contexto de teses de teorias raciais, políticas de branqueamento por parte do Estado, e “guerra a negritude”, os afrodescendentes se organizava em clubes, irmandades religiosas, associações e em periódicos lutando para alcançar a cidadania e melhores condições.

Os periódicos da imprensa negra acompanhavam os clubes negros registrando os aspectos da vida nacional. Assim, a imprensa negra brasileira se constituía de periódicos, boletins informativos. Nas cidades como São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e muitas cidades do interior circularão este tipo de imprensa voltado para os descendentes de africanos.

É na capital paulista e nas cidades do interior daquele estado que estarão presentes o maior registro deste tipo de imprensa. O primeiro exemplar do *Getulino* foi tirado em julho de 1923, e depois dessa tiragem serão mais 65 edições até finalização do jornal em 1926.

O *Getulino* foco desta pesquisa, é de fundamental importância para o estudo do período em questão. Nas páginas do jornal se fazem presentes o cotidiano da população negra de Campinas, boletins informativos, artigos de opinião, fotografias, registro de acontecimentos nacionais, internacionais, militância negra, concursos, folhetins e crônicas. Assim, era um jornal que se orgulhava de ser “órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> O *Getulino*. Campinas 5 de agosto de 1923. Ano I, pp. 1.

# Getulino

**ORGAN PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS HOMENS PRETOS**  
 Redactor-chefe - LINO QUEDES      Directores proprietarios : Andrade & Moraes      Redactor secretario - GERVASIO DE MORAES

---

Anno I      Assignaturas (Anno ..... 10000      Campinas, 5 de Agosto de 1923      Assignaturas (Mz ..... 18000      Num. 2  
 Semestre ..... 6000      Numero avulso ..... 3200

---

### O nosso apparecimento

Muito nos desbace o modo com que foi recebido a nossa folha, e as referencias aliás imerecidas que fiz-ram os collegas, do nosso gesto em proclamação da raça que, como a Phenix, ressurge das cinzas da ignominia do preconceito, do esfrimimento, para a ordem e progresso do Brasil.

A *Platão*, o vespertino paulitano de Araujo Guerra, na sua correspondencia local assim se exprime:

**"EM DEFESA DA CLASSE**

Circulo sabido ultimo, o primeiro numero do bem feito semanario «Getulino», organo fundado para a defesa dos interesses da classe dos homens de cor.

Dirigido pelos srs. Lino Quedes e Gervasio de Moraes, o «Getulino» está fadado a fazer rapida carreira. O primeiro numero teve extraordinaria accoção."

O *Diario da Foz*, paladino dos traços e dos opprimidos a cuja frente se vê o batalhão incansavel para o progresso de sua terra, Alvaro Ribeiro, brilhantemente secundado pelo sr. Tenso Magalhães, assim se pronunciou a nosso respeito:

**"GETULINO"**

Temos sobre a mesa o n. 1 do «Getulino», novo semanario que acaba de apparecer nesta cidade, e de diadado a defesa dos homens de cor.

É composto em officinas proprias, e sua breve sera também impresso, tras na sua 1.ª pagina um bom retrato do grande Luis Gama, (Getulino), notavel jornalista, advogado, e polemista do pulso, que tanto honrou a raça negra no Brasil.

É redactor-chefe do citado semanario, Lino Quedes, moço de cor dos mais esbçados, e de novo prestado companhia, a quem devo a classe assignados servicos.

Como secretario da redacoção está Gervasio de Moraes, que bona ver, so já tem scripto e que é uma esperanca promissora de sua raça.

São directores proprietarios os srs. Martinho Andrade e Alcino Moraes, dois elementos que optimos servicos tem prestado á gente de sua raça.

O «Getulino» tem o seu primeiro numero todo collaborado por homens de cor, excepto um artigo, tratando bona trabalhos, merecendo mesmo destaque o soneto de Augusto Marques.

Ao novel collega desejamos vida longa e prospera.

É da *Gazeta de Campinas*, bem feito organo official do Partido Republicano, dirigido pelo sr. Galdino de Moraes Alves, a noticia que se segue:

**"GETULINO"**

Circulo hontem o primeiro numero do «Getulino», periodico dirigido pelos srs. Lino Quedes e Gervasio de Moraes.

Agradecemos o exemplar enviado á nossa redacoção.

O sr. Alfredo Pettris, distinguído cavalheiro, admirador e



Immortal Carlos Gomes, eu e todos os teus filhos orgulhamos em ser brasileiros. Ser brasileiro, dizer nunca vencido, porque nas paginas da historia rebrilham fulgurantes feitos, que demonstram claramente o heroismo de um povo resolutivo e forte.

Bem sabemos que não necessitas de maiores elogios, querido Brasil, pois poderoso, o Progresso, é, não só o teu ideal, como o de teus filhos...

Mocidade voltamos a nossa attenção para o passado, veremos então, que a mancha negra da escravidão toldava o céo brasileiro. Estes humanos, ao arbor suffocante do sol, tremulas, exangues eram vergastados e obrigados a arrancar de solo o fructo que os seus *senhores* em pouco esbujava.

Mais tarde, veio uma aurora que trouxe consigo o raiar da Liberdade.

Hoje, a mocidade toda embriaga-se de prazer, de alegria, aquella triste e horrorosa situação se foi, desfaz-se aquella humilhação.

Os descendentes d'aquella mesma raça, d'aquelles miseros escravos gozam hoje dos direitos que lhes outorga sua estremeza *aféria*.

Um dos direitos consiste em educarmos para congratularmos nas conquistas da Civilização.

Brasileiros!... poizae os vossos olhares nas verdejantes matias, olhae bem distante e no horizonte vereis a luz rutilante do sol lanças os seus reflexos de ouro tracando o nome arfulgente—Liberdade—e os vossos corações transbordarão de alegria esbaldando e nome sacrosanto do Brasil.

*Gervasio de Moraes*

---

Amigo sincero dos pretos, alheio a todos os preconceitos, enviou-nos attencioso officio, cujos typicos damos abaixo:

Sendo este o primeiro semanario que se organisa em Campinas para fins tão altruisticos e humanitarios, vejo, certo, preencher uma lacuna de ha muito existente no seo da classe, que necessita de imprensa para fazer valer os seus direitos muitas vezes espezinhados por aquelles que não conhecem os principios da igualdade.

Fazendo votos de prosperidade e uma vida longa ao novo jornal, subscrovi-me com estima.

Do sr. Francisco de Assis Paulo, secretario da S. D. F. «Nova Heranças», uma das associações que ornão o nosso meio social, recebemos o seguinte officio:

Ao receber o «Getulino» esta sociedade encheu-se de orgulho, por ter agora a classe, um organo para defesa dos homens pretos.

A directoria da «Nova Heranças» faz votos de prosperidade ao «Getulino», que muito honra a nossa classe, o qual venha collocar-se na linha de combate na imprensa local."

Meia gente não gostou de fazermos do velho columno de passarem por fora do jardim Carlos Gomes. Mas que fazer? Infelizmente disseemos uma verdade.

E, hoje mal constrangido como

obrigados a apontar aos nossos patriotas, deo-nos necessario sera dizer que nos referimos aos homens de cor, mais uma vez que habitual, que é elles se collocarem á frente das proleções, a modo de mamão etc etc.

Essa exhibição do ultimo fato e de mais uma novidade pariente, demonstra falta de educação religiosa, o que não nos recommenda bem.

Não queremos dizer com isto que ficem na villa os mamamães do pello, comendo pó e sentindo todos os abastres que orguza-se de equinas em equinas, mas andar na frente... jamais.

### A mocidade!

Dia a dia aproxima-se o sagrado momento, de abandonar o meu lar, e todos que me são caros, mas mesmo assim, sinto uma individual vontade de partir, o meu coração tre-me de emoção quando me lembro que vou cumprir o dever de todos Brasileiros nobres que conhecem e sabem honrar o seu berço adorador.

Sacrificio? não! é apenas aprender defender as gloriosas tradições deste torrão abandonado, é apenas ser util nos momentos supremos em que a Patria carecer de nós.

Campinas, sacrosanto berço do

---

### De auscultã e binoculo

Depois de um dia quente e laborioso, sem sol e sem chuva, dia catarrucado, nebuloso, de nuvens pesadas e um normaço desalentador, sahi em busca de um pouco de ar, onde sabia encontrã-lo, pois que nunca deixou de ter viraçõ onde existam arvões.

Fui até o jardim da praça Carlos Gomes e ali, sentado á sombra das imperiaes palmeiras fidalgas, comeci a sentir a brisa branda e macia que me chegava cariciosa, com o perfume subtil de rosas frescas das rozeiras do jardim...

Perto de mim, num banco, estava sentado um velhinho de faces enrugadas, com a cabeça de brancura da neve, as mãos tremulas e um pigarear continuo...

Accendi um cigarro e, pernas cruzadas, na indolencia astural de quem se reconforta com o balsamo das flores e com o ambiente perfumado, vagueei o olhar preguiçoso, por entre as capiras da fumaça azul do meu *Melindrosa*, para o velhinho que olhava para algum, com um riso ironico nos labios murchos de mumia.

Os cabelos brancos tem so-

No proximo numero:

*O papel do escravo na civilização brasileira.*

— por —

*Dr. Evaristo de Moraes*

bro mim um poder sobrenatural. Parece que, ao vel-os, sinto em mim qualquer coisa que me obriga a respeit-os, a venerã-os.

E o velhinho despertou me certo interesse, principalmente porque dirigia o seu olhar inquieto para certo ponto, estendendo-o, como quem acompanhava alguém que seguia, seguiu, até encobri-la na curva do jardim...

Seguia direcção do seu olhar e vi, na extremidade do pequeno parque, um par de namorados, braços dados, muito unidos, muito calçados, como que trocando segredos, com os rostos muito juntos...

Vi que era para este par que o velhinho olhava com tanto interesse, e sorria, cada vez que os pombinhos multiplicavam os seus arrulhos...

Fiquei a meditar... e pensei que o seu sorriso, a sua physionomia radiante, seriam pelas recordações de sua mocidade, pelos tempos em que elle poudo, como aquelle par feliz, gozar todas as doçuras do amor...

Passaram ambos perto de mim. Vio-os bem. Ella—desceia linda. Elle—vinde e cinco annos, typo de conquistador de salão, certamente um destes *nouveaux riches*, capazes de amar até o ultimo vintem, sem nada conhecer nem aproveitar do verdadeiro amor...

Por fim, na extremidade do passeio publico, o namorado desredio-se e eu vi, com surpresa, que ella se dirigia, só, riçõnha e feliz, para junto do velhinho, que havia sido, até momentos antes, o objecto da minha admiração:

—Então, papaz?

—Tens gosto, minha filha. Um bonito rapaz... bonito e rico... Tens nas mãos o teu futuro...

E lá se foram os dois, sorridentes... venturosos...

Com honrosas excepções, e são assim os amores de hoje.

Ver bonito é um começo de victoria; ter dinheiro é a conquista e o trabalho; ter as duas cousas, o suppr-mo ideal...

E os paes, facilitando o *rendez-vous*, facilitam a existencia, estimulam a preguiça e abrem, quantas vezes, ás suas filhas, as portas lenciosas da perdição.

A conquista do amor pelo caracter, pelo trabalho, e pelo talento... hoje em dia são poucos romances e nas fitas de cinema...

Atrei para o esgato a ponta de cigarro que já me queimava os dedos e segui o meu caminho, pensando: *esta cidade é uma lastima...*

*Fonseiro*

Figura 1 – O Getulino, Ano I  
Fonte: BNDigital.

A imprensa é um tipo de fonte importantíssima para a pesquisa histórica, pela percepção de questões do cotidiano, contradições e complexidades de uma sociedade. Dessa forma, os jornais da imprensa negra são fundamentais porque detêm um protagonismo dos afrodescendentes, constituindo um importante espaço de discussão na reconstituição de momentos de nossa história.

São os conteúdos desse periódico que nos permitem, também, pensar no impacto da presença da “ideologia do branqueamento” no Brasil desde o princípio do século XIX. No próprio Jornal é possível encontrar principais articuladores, como jornalistas, redatores, importantes personalidades, vários sujeitos que articulam para melhores condições dos “homens de cor”, que podem reforçar ou trabalhar como resistência frente a essa ideologia. Então o *Getulino* é uma fonte no qual é possível levantar inúmeras interrogações.

A importância dessa pesquisa se constitui pela possibilidade de se ter a população afrodescendente como sujeitos centrais na abordagem histórica. Nos últimos anos muitos trabalhos sobre o estudo da imprensa negra e da contribuição do negro na sociedade tem sido destaque na historiografia. Nosso recorte temporal nos permite trabalhar em contatos como o “pós-emancipação”, ou seja, o estudo da população afrodescendente no início do século 20 e as relações étnico-raciais/racialismo. A história da população afrodescendente no Brasil do princípio do século XX ainda é pouco referendada, tendo também como primazia, a associação dessa população com a condição da escravidão. No entanto, somente em pesquisas recentes que abordam o tema do “pós- emancipação”, das liberdades e do “pós-13 de maio” é que a historiografia dá maior visibilidade aos africanos livres ou população oriunda da escravidão.

Nesse sentido, escolhemos alguns trabalhos da história da escravidão, ou do “pós- emancipação” nos quais contribuíram para as nossas reflexões. No livro “Na Senzala, uma flor Esperança e recordações na formação da família escrava” (2011), o historiador Robert W. Slenes, questiona a visão da historiografia clássica da escravidão, que consolidou a ideia de que os escravos viviam entre a senzala e a Casa-Grande e que não era possível formar família. Slenes através de história demográfica e cruzamento de fontes consegue reconstruir a família escrava e assim torna a família escrava protagonistas de suas ações.

Da mesma forma, Sidney Chalhoub dá centralidade ao protagonismo do escravizado negro em seu livro “Visões da liberdade uma história das últimas décadas

da escravidão na corte” (2011). Neste trabalho consegue acompanhar a vida de vários escravos, da escravidão à liberdade, concluindo que são as ações dos escravos que os levaram a conquista da liberdade.

Nos anos 90 a historiadora Hebe Mattos no livro “Das Cores do Silêncio” (2013) trabalha o contexto do que ficou conhecido como transição da liberdade. Assim, acompanha as transformações na sociedade brasileira e as ações dos escravos nos últimos meses que antecedem a emancipação oficial da escravidão no Brasil. Sendo assim, a preocupação da autora é sobre o desaparecimento do quesito cor nas documentações do final do século XIX. Portanto, um dos temas centrais deste livro é abordar a questão da ausência de cor na documentação nas últimas décadas do século XIX.

Na documentação analisada, a autora aponta que os termos “negro” e “preto” fazem referência aos cativos e enquanto “pardo” seria a condição da pessoa livre. A autora mostra que na metade das XIX alterações sociais são significativas em que negros e mestiços livres representava uma grande população no império e uma forte presença de brancos pobres. Nesse contexto, a cor branca desaparece como sinônimo de liberdade, mas a negra ainda está associada a escravidão. No entanto, o desaparecimento de cor impossibilita o pesquisador de trabalhar a história do negro no pós-cativeiro, pois a menção a cor desaparece dos processos de crimes e dos registros civis. Para Hebe o sumiço da cor se dá pela absorção de negros e mestiços no mundo dos livres.

O historiador Walter Fraga em seu livro “Encruzilhadas da liberdade” (2014) aborda o destino dos libertos no recôncavo baiano e demonstra as suas ações diante da liberdade. Walter observou mesmo que a houve a abolição do 13 de maio, mas a escravidão continuou nas relações no recôncavo baiano.

Beatriz Lonner, na obra “Líderes negros, líderes operários”, disserta sobre o protagonismo negro a partir das redes de relações, do associativismo ao trabalho e participação política, debatendo os pós abolição no sul do Brasil.

Muitos desses trabalhos têm como protagonismo descendentes de africanos escravos ou libertos, e são importantes porque abordam o período de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, temas como mobilidade social e espacial, os quais ainda precisam de atenção. Assim, é possível perceber que a historiografia que centraliza a população afro-brasileira como agentes de sua própria história é recente.

Como já fizemos referência ao historiador Thomas E. Skidmore que nos anos 70 afirmou que,

O que continua chamando mais atenção é a história da escravidão (e da luta por sua extinção no século XIX). Os pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, que se dedicaram à história das relações e das ideologias raciais concentraram-se quase exclusivamente no período que antecede a Abolição (1888). (SKIDMORE, 2012 p.22)

Nesse sentido, por muito tempo os historiadores brasileiros e estrangeiros restringiram o estudo da população negra somente ao período antes do 13 de maio de 1888 e, assim, constituindo lacunas abertas do período pós-emancipação. É importante dar um protagonismo histórico da população negra no Brasil, que durante muito tempo foi marginalizada pela história.

A população de origem africana sempre representou uma diversidade nas Américas, o historiador estadunidense Georges Andrews em seu livro “América Afro-Latina” em que estudou a população afro-latinoamericana apresentou uma alternativa para agrupar os descendentes de africanos.

¿Como “conocemos” en América Latina quién es de ascendencia africana y quién no? Lo “conocemos” básicamente aceptando lo que los nativos de la región nos dicen. Cualquier individuo descrito por sí mismo o por otros como “negros” (o preto en Brasil) “pardo” o “mulato” será considerado para los propósitos de este estudio, de ascendencia africana conocida. (ANDREWS, 2007, p.20)

Desta forma, mesmo que a população escravizada tem em comum serem descendentes de africanos, essa mesma não representa uma unidade, mas uma diversidade. A proposta pensada por Andrews no qual utiliza o termo “afrodescendente” para pensar a população de origem africana no Brasil que são plurais, sujeitos centrais dessa pesquisa, no entanto, ao longo da dissertação utilizaremos o termo “Homens de cor” que foi muito comum no contexto da imprensa negra.

Uns dos papeis historiador é tirar da marginalidade temas históricos como por exemplo, a participação da população negra na história do Brasil. Assim, o historiador Joel Rufino dos Santos apresenta que

A massa de insatisfeitos – camada ociosa e oscilante – que pressiona o sistema colonial, durante toda a sua duração, o celeiro de rebeldes coloniais (1550-1831) e regenciais (1831- 1849), é a soma (soma mais que a aliança) desses pretos forros com os mestiços de todos os cruzamentos. Massa que efetivamente, à semelhança do quilombo, põe em Xequê a ordem colonial. Pretos forros e mestiços são os insurretos de Pernambuco (1645-1654), as

tropas mascates (1710), os sublevados de Vila Rica (1720) os conjurados “alfaiates” (1798), os rebeldes de 1817 (Pernambuco), o exército da confederação do Equador (1824) e da independência (1822-1823), os cabanos (1834-1840), os balaíos (1838-1841), os sabinos (1837-1838) e, enfim os farrapos (1835-845) e praieiros (1848-1849). (SANTOS, 2015, p.109)

Durante muito tempo a população de origem africana esteve presente nos movimentos *que pressionam o movimento colonial*. No entanto, esses sujeitos de origem africanas foram silenciados e marginalizados pela escrita oficial da história do Brasil. Cabe a pesquisa histórica dar maior visibilidade a esses sujeitos, muitas vezes discriminados em diferentes contextos, silenciados em uma historiografia tradicional, mas protagonistas em fatos e eventos importantes para a história do país.

Outro aspecto importante ao tratar do tema da história afro-brasileira é a questão do racismo que ainda continua presente na sociedade brasileira. Ao realizar esta pesquisa entendemos que o trabalho pode contribuir para a compreensão do espaço social habitado pela população negra no período, contribuindo assim em questões que vão além da academia, ou seja, no papel social e educacional da pesquisa.

O aspecto da resistência negra no início do século XX pode ser um dos elementos importantes dessa pesquisa, tendo o *Getulino*, como tantos outros periódicos criados pela população negra, um papel importante no pensar o impacto do racismo colonial nas relações raciais sociais que ainda é presente na nossa sociedade.

Por outro lado, há um total desconhecimento por parte da sociedade brasileira quando se fala da história da população afro-brasileira. Muitas vezes essa população é retratada a partir de estereótipos. A população afro-brasileira tem uma grande contribuição na formação do Brasil, sem se falar que representa em sua maioria da população do país.

Assim, esta dissertação nasce do desejo de compreender como a “ideologia do branqueamento” também ainda marcam as relações cotidianas. O racismo *à brasileira* ainda está presente na nossa sociedade, na última década a população de origem africana tem reafirmado sua identidade, mas, ainda temos muito a conquistar. Isto porque, no momento em que estive a escrever esta dissertação, também foi de muita angústia, ao saber que, todavia a “ideologia do branqueamento” levam pessoas no meio político a negar à humanidade dos “outros”, ao saber que há um extermínio da juventude negra, ao ver que, um jornalista em rede nacional e ao vivo estereotipa e

subalterniza um negro, ao saber que o exército dispara 80 tiros em um carro por confundir uma família negra como “bandidos”. Sendo essa sociedade reflexo de que a “Ideologia do branqueamento” ainda é vigente na nossa sociedade, ou seja, nossa sociedade ainda tem como modelo a Supremacia branca.

Se o debate do tema do pós-emancipação é recente na historiografia brasileira, foram os cientistas sociais no campo da sociologia das relações raciais que estudaram os negros do século XX e as relações étnico-raciais que impactaram e que, marcaram de certa forma. Foi nas ciências sociais que se buscou estudar os negros no “pós-emancipação”. Vários autores das ciências sociais se desdobraram para estudar os afrodescendentes no século XX. Uma referência importante é a do sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães “Classes, raças e Democracia” (2012), importante para pensarmos o conceito de raça no qual teoriza sobre os estudos sobre a raça no Brasil. Nesse trabalho, analisa os autores que escreveram sobre as relações étnico-raciais no Brasil durante todo o século XX. É em seu livro “Racismo e Antirracismo no Brasil” (2009) que nos foi possível compreender como que diversos autores das ciências sociais estudaram o “Racismo” e o “antirracismo” no Brasil.

Por outro lado, não vamos nos esquecer que durante muito tempo a imprensa negra não recebeu uma devida atenção por parte da sociedade de uma forma geral. Os jornais negros se constituem de inúmeros periódicos que necessitam ser lidos e interpretados pelo historiador e até mesmo serem retirados do esquecimento histórico. Isto é, porque a imprensa negra é iniciada no Brasil ainda no século XIX e o seu primeiro jornal se chamou o Homem de cor (1833). Mas, será na cidade de São Paulo do início do século XX que aparecerão inúmeros periódicos voltados para a população negra. Desta forma, a imprensa negra constituiu uma ferramenta para a população negra e hoje é uma fonte no qual pode muito nos revelar sobre ideias, projetos, costumes, hábitos e projetos destes sujeitos, nos quais, foram marginalizados pelo campo da história.

Alguns trabalhos já analisaram o *Getulino* ou como fonte ou como objeto: o estudo de Rodrigo Miranda (2005) analisa a militância negra usando como fonte primária o *Getulino*, José Geraldo Marques (2008) analisou o discurso nas páginas do *Getulino*, Leandro Antônio Guirro (2013) estudou a intelectualidade no periódico. Entretanto, o que aqui propomos é pensar como o *Getulino* representa as minúcias da “Ideologia do branqueamento” e a suas variantes, o que justifica essa pesquisa.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar a atuação do periódico *Getulino* na cidade de Campinas nas primeiras décadas do século XX no contexto da “Ideologia do Branqueamento”. Como a imprensa negra, em meio as diferentes correntes científicas, que consideravam o negro como “objeto da ciência” e, portanto, constituíram o pensamento que hierarquizava as raças, atuaram nesse processo. Da mesma forma, constituíram objetivos analisar a presença da “ideologia do branqueamento” e suas variantes, como o “racismo científico” nas páginas do jornal; identificar o grau de protagonismo de seus dirigentes e suas relações com as elites locais; problematizar as representações sobre o tema que constituem a narrativa do jornal; e verificar a relação do jornal com a luta e resistência negra em face a legitimidade do discurso racista presente.

Como já foi apresentado, durante o final do século XIX e início do XX a “ideologia do branqueamento” esteve presente no Brasil. Já, as teses do “racismo científico” foram bem acolhidas nas instituições de ciências no Brasil posteriormente. Sendo assim, o problema desta pesquisa assim se constituiu: o que o jornal da imprensa negra *Getulino* pode dizer sobre a “ideologia do branqueamento” final do século XIX e início do XX? O *Getulino* como um periódico negro rejeita ou reafirma os valores da “ideologia do branqueamento”?

Propomos pensar esta pesquisa a partir da história social. Assim, fazer uma “história vista de baixo”, tendo como referência o historiador inglês E. P. Thompson que visa dar atenção às pessoas comuns da história, e, contar a história a partir desses sujeitos. Neste caso, queremos dar visibilidade a história dos descendentes africanos do início do século XX e perceber como eles interpretavam o racismo científico do período. Se por um lado, Thomas Skidmore e Lilia Schwarz conseguem entender o pensamento social das elites política e intelectual sobre negros, mestiços e indígenas, por outro, buscamos compreender como a população negra percebeu a ideologia do branqueamento e como também se propõe Hofbauer (2006) “para entendermos o “racismo”, temos de entender como a “ação” da elite (econômico, intelectual) se relaciona com a “reação popular”.

Nesse sentido, a história social tem proposta de que o sujeito histórico tenha centralidade no trabalho histórico, no qual, o sujeito histórico será o principal elemento de análise. O *Getulino* é uma fonte no qual tem uma narrativa que não é o da história oficial, por se tratar de um jornal produzido por sujeitos que foram subalternizados.

É referência desta pesquisa o de Lília Moritz Schwarcz “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira” (2012)” A autora estuda três jornais no final do século XIX e consegue analisar o imaginário das elites paulistas nesses jornais.

[...] o “ele” presente no título do artigo adquire então cada vez mais concretude, ao demonstrar o abismo existente entre o “eles” escravos –fujões, obrigatoriamente analfabetos e mantidos à distância da “cultura” branca – e o “nós”, leitores e jornalistas: cidadãos, leitores de Varella e que podemos portar bigode, cavanhaque e pincenê, símbolos de nosso lugar e condição.” (SCHWARCZ, 2012. p.17)

Para Schwarcz um pequeno fragmento do jornal consegue analisar as “pistas” e “sinais”, no qual é possível fazer observações entre o “eles” e o “nós”. Entretanto, afirma que “a partir de um só artigo é possível aprender dimensões diversas, diferentes imagens que nos falam sobre a condição e a situação negra nesse momento. Essa consideração também é pertinente para se pensar como que os negros se reconhecem dentro da estrutura da “ideologia do branqueamento” do início do século XX, sendo a partir de um jornal negro de Campinas dos anos 1920. Assim, para esta pesquisa também a fonte é um jornal, mas o que essa pesquisa diferencia de Schwarcz é um jornal Negro *Getulino*. Então a partir de Schwarcz é possível pensar o “eles” e o “nós no *Getulino*.”

Desta forma, foi a partir da leitura de Schwarz que podemos enumerar os termos e “valores” nos quais representam os negros nos jornais analisado pela autora no contexto da abolição e da República. Estes são: “Negro violentos”, “Negros pervertidos”, “incivilizado”, “Negro bárbaro”, “Negro dependente/serviçal”, “Passivo”, “Degenerado”, “Vingativo”, “Traíçoeiro”, “insubmisso”, “Alienado”, “Bêbado”, “Imoral”, “Perverso sexual”. Já os brancos representavam o contrário daquilo que era associado aos negros Schwarz (2017). Outro argumento importante de Schwarz nesse livro é que as teorias do “racismo científico” se fizeram presente nas páginas da Imprensa Paulista.

Da mesma forma, é referência o historiador Petrônio Domingues, também estudando o contexto do racismo, dos pós abolição e do branqueamento em São Paulo é uma referência importante para esta análise. A referência de Domingues (2004) é importante porque sintetiza o imaginário das elites sobre os negros e da política de branqueamento, nos quais atribuem valores aos negros e os brancos. De um lado os negros simbolizam aspectos negativos, e do outro, os brancos

representam aquilo que seria benéfico para o Brasil. Buscamos, portanto, compreender o que seria o “eles” e o “nós” no periódico *O Getulino*.

Paul Gilroy (2012) no livro “Atlântico negro”, apresenta os conceitos de “dupla consciência” emprestado de Du Bois e absolutismos étnicos, referência importante para compreendermos como que os negros reproduzem, assimilam, constroem ou rejeitam no Brasil pensamentos hegemônicos que vinham da Europa e dos Estados Unidos que foram adaptados e reproduzidos no país. Para Paul Gilroy, escravidão é um sistema histórico. O autor tende a vê-la como um sistema que foi base para outras acontecimentos na modernidade. Então, a experiência da escravidão foi um sistema que foi base no mundo Ocidental para a modernidade. No entanto, Gilroy fala do Brasil em um contexto da experiência da diáspora africana, desde o exílio de Joaquim Nabuco na Europa, o futebol, e o aqui e lá.

As culturas do Atlântico negro criaram veículos de consolação através da mediação do sofrimento. Elas especificam formas estéticas e contra estéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o pertencer... (GILROY, 2012, p.13).

Portanto, o autor apresenta o tema da diáspora africana a partir da discussão sobre dupla consciência, ou seja, como ele sendo negro e europeu possuindo uma “identidade exclusiva” pode compartilhar essa identidade negro-europeu.

Assim, a experiência dos negros no mundo moderno, Gilroy (2012), tem como análise principal alguns temas como o “absolutismo étnico”, ou seja, como conceitos de “raça” “cultura”, “nacionalismos” e “etnia” estão imbricados.

Decidi-me pela imagem de navios em movimentos pelos espaços entre a Europa, América, África e Caribe como um símbolo de organizador central para este meu ponto de partida. A imagem do Navio - um sistema vivo, microcultura e micropolítico em movimento - é particularmente importante por razões históricas e teóricas que espero se tornem mais clara a seguir. (GILROY, 2012, 38p.)

Ao fazer críticas a historiografia e a esquerda, que deixaram de fora a experiência externa e “combinaram e reproduziram seu nacionalismo e etnocentrismo negando a anglicidade imaginária e inventada, absolutamente quaisquer referentes externos, afirma que “problemas semelhantes se manifestam de forma um tanto diferente na literatura africano-americana” (GILROY, 2012,56p.)

É desta forma que Gilroy apresenta inúmeros, intelectuais, poetas, músicos, ativistas negros que tiveram sua formação a partir do Atlântico Negro, no qual não

pode ser analisado de forma isolado, e sim a partir de uma transcendência dos limites de Estado-Nação:

A especificidade da formação política e cultural moderna a que pretendo chamar Atlântico negro pode ser definida, em um nível, por este desejo de transcender tanto as estruturas do Estado-Nação como os limites da etnia e da particularidade nacional. (GILROY, 2012, 65p.).

Em se tratando da discussão em torno do conceito de identidade, Hall (1999), concebe a identidade como um conjunto de representações culturais, construído em situações específicas, um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL 1999, p.49-50)

Tudo isso acentua a natureza dinâmica da identidade étnica que se constrói no jogo de confrontos, oposições, resistências, como também, e, sobretudo, no jogo da dominação e submissão. Barth (1998) salienta que nesse sentido, a identidade étnica passa a ser o acúmulo dessas heranças culturais que permitem significar distinções perante outros grupos sociais/étnicos. Podemos acrescentar com base nesse autor que ao tratar do conceito de grupo étnico relacionando-o com política, ele advoga que ser reconhecido como quilombola traz consequências, por isso reafirmou a necessidade de compreender identidade étnica permeada por entendimentos de cultura e de identidade. Para ele:

Os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Então, um traço fundamental torna-se [...] a característica da auto atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos nesse sentido organizacional (BARTH, 1998, p.193,194).

Assim, a expressão grupo étnica foi e em alguns casos ainda é, a designação de uma população que compartilha valores fundamentais, um conjunto pessoas que se identificam e são identificados por outros e constituem um campo de interação. Ramos (2011) argumenta que a identificação, como remanescentes de quilombo ocorre em atos coletivos, “como parte de uma herança cultural, que traz conexão com o passado escravista e de resistência negra e hoje, se constrói como uma reivindicação de grupo marginalizado que lutam por reconhecimento” (RAMOS, 2011, p.30).

Já, o autor Franz Fanon em seu livro “Peles negras mascaradas brancas” é importante porque representa um dos maiores teóricos que estuda os impactos do racismo colonial nas relações raciais da sociedade colonial. Desta forma, Fanon é um autor que não poderia ficar de fora, pois, ele foi importante teórico para nossas reflexões: analisar como que os negros interiorizam o discurso hegemônico.

O artigo de Tania Regina de Luca, *Fontes impressas: história dos, nos e por meios de periódicos* (2005), é importante referência para pensarmos as ferramentas de análise do jornal como fonte. E até mesmo Ana Flavia Pinto (2006) a qual em sua dissertação pesquisou a imprensa negra do século XIX.

Com relação a análise do jornal, pensamos em abordar o conceito de representação e partindo da referência de Schwartz (2013) e Domingues (2004), no que refere a algumas categorias de análise, quais sejam:

Tabela 1 – Categorias de Análise da Pesquisa

<b>Negro representado no jornal</b>	<b>Negro legitimado pelo discurso racionalista</b>
Boa Moral	Devasso
Honesto	Criminoso
Brasileiro	Escravo / Subalterno / Sem Pátria
Trabalhador	Malandro
Protagonista	Subalterno

Fonte: Arquivo do Pesquisador

A principal fonte deste trabalho será o jornal *O Getulino*. Ao todo são 64 exemplares, no qual, estão disponibilizados na hemeroteca da biblioteca nacional, digitalizados na versão original.

Propomos fazer a leitura do material textual e visual do jornal, notícias, folhetins, propaganda, crônicas, fotografias etc.

Esse material do periódico será analisado à luz da obra de escritores brasileiros que se debruçam sobre o tema da questão da raça e de alguma forma, permeados

pela ideologia do branqueamento, são as obras dos expoentes das teorias raciais no Brasil, como: Oliveira Viana, Euclides da Cunha, Silvo Romero e Nina Rodrigues, obra “os africanos no Brasil.

Esta dissertação se subdivide nas seguintes partes:

No Capítulo I, *O Brasil dentro de um contexto da “ideologia do branqueamento”*, iniciamos contextualizando a formação do pensamento da inferiorização do “outro”, sejam eles negros, mestiços e indígenas, a partir da supremacia branca no Brasil. Da mesma forma, abordamos as teorias racialistas, que foram adotadas pela elite intelectual e política no país e os impactos que tiveram nessa sociedade, em especial na sociedade paulista. Destacamos questões como caracterizações étnicas desse negro de modo a evidenciar quem é esse sujeito, “objeto da ciência”, da mesma forma que o branco, e a construção de sua alteridade, bem como a contextualização da história do jornal negro na região.

No Capítulo 2, *Getulino e sua história: o que defende o jornal?*, buscamos retratar a contextualização do *Getulino*, o quê noticia, sua vinculação, acesso e principais fundadores. Buscamos analisar as correspondências entre o periódico e outras agremiações e instituições criadas por negros na sociedade local, capaz de fornecer indícios de relações de reciprocidade, resistência e luta. Permeado por tensões, analisamos as representações imagéticas e textuais no jornal, quais sejam, a partir das categorias destacadas na metodologia dessa pesquisa, evidenciando a visão do negro no periódico em contraposição/ consonância com as teorias racialistas, bem como as atuações do jornal e sua aceitação social. Buscamos fazer referência à mobilização política no jornal, partindo de questões circunstanciais do cotidiano dos negros no contexto de Campinas. É o jornal uma forma de resistência a população negra local?

E por fim, apresentam-se as considerações finais desta pesquisa, procurando evidenciar algumas das conclusões que são possíveis de se pensar no contexto relacional entre a construção do conhecimento científico e a ação do jornal *Getulino* na cidade de Campinas e região.

## **CAPÍTULO I –**

### **O BRASIL DENTRO DE UM CONTEXTO DE “IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO”**

“Sim, a civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial”

Franz Fanon

## **CAPÍTULO I – O BRASIL DENTRO DE UM CONTEXTO DE “IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO”**

### **1.1 Brasil em um mundo racializado**

Em um congresso realizado em Londres em 1911 - o Congresso Universal das Raças - contando com a participação de vários países, como a África do Sul, Bélgica, Egito, França, Haiti, Inglaterra, Itália, Japão, Pérsia, Hungria, Rússia, Serra Leoa e Turquia, e para completar o Brasil, e lá, estava o representante oficial do Brasil. O brasileiro João Batista de Lacerda (1845-1915), que era médico e diretor da biblioteca nacional, foi o primeiro a realizar um curso de antropologia no Brasil. Ali estava representando o governo brasileiro da primeira república, que tinha um país que sua população majoritariamente composta de africanos e de seus descendentes, também de indígenas, e, contudo, de uma minoria branca. Lacerda foi ali representar e falar o que pensava a elite branca brasileira a cerca de um país que era composto por uma maioria de não-brancos.

Sua conferência, foi produzida no contexto de um debate que criticava a mestiçagem e os mestiços, que eram vistos como algo negativo. Lacerda pensava diferente e apresentou aspectos positivos do mestiço brasileiro, sendo

[...] comum, com efeito, ver nascer de um branco, dotado de uma inteligência medíocre, cruzado com uma negra das mais incultas, um rebento que goza de altas qualidades intelectuais; como se um dos efeitos da mestiçagem no homem fosse precisamente afinar a inteligência, sem elevar entretanto o sentimento ou as qualidades morais e afetivas próprias aos indivíduos das duas raças cruzadas. (LACERDA, 1911) <sup>8</sup>

Como podemos observar, para Lacerda, um branco, com “inteligência medíocre” que cruza com “uma negra da mais incultas” geraria filhos mestiços “de altas qualidades intelectuais, ou seja, mestiços desse fruto interracial poderiam gerar “um rebento que goza de altas qualidades intelectuais”. O pensamento acerca da mestiçagem não era propriamente e somente de Lacerda, já que durante os séculos XVIII e XIX havia debates acerca dos frutos das mestiçagens. Apesar de, para muitos

---

<sup>8</sup> O discurso de Lacerda que aqui citamos é da versão presente no artigo: SCHWARCZ. Lilia Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan. Mar. 2011, p.225-242

pensadores os mestiços seriam degenerados, o mestiço para Lacerda seria diferente, pois herdaria qualidades positivas dos brancos. Já se tratando da questão do futuro do país, no qual seria a preocupação dos pensadores do Brasil neste período, Lacerda foi além, ao profetizar a desaparecimento do negro no Brasil a partir da mestiçagem com a imigração branca:

Já se viu, depois de três gerações, os filhos de mestiços apresentarem todas as características físicas da raça branca, por mais que em alguns persistam ainda alguns traços da raça negra devido à influência do atavismo. A seleção sexual contínua aperfeiçoa sempre ao subjugar o atavismo e purga os descendentes de mestiços de todos os traços característicos do negro. **Graças a este procedimento de redução étnica, é lógico supor que, no espaço de um novo século, os mestiços desaparecerão do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós.** [...] A população mista do Brasil deverá então ter, dentro de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, que aumentam a cada dia e em maior grau o elemento branco desta população, terminarão, ao fim de certo tempo, por sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir ainda alguns traços do negro. (LACERDA, 1911 – Grifo do autor)

Lacerda acreditava que a mestiçagem a partir da imigração branca iria trazer o desaparecimento do negro e do índio no Brasil. Na sua projeção, tal desaparecimento ocorreria em menos de um século. Ademais, para ele os mestiços absorveriam as “características físicas da raça branca” e a imigração europeia, iria “sufocar os elementos dentro dos quais poderiam persistir alguns traços do negro”.

Lacerda aqui é uma figura central desse contexto, porque prevê a desaparecimento do negro. Essa previsão do médico, “foi criticado por brasileiros que se agastaram com sua cronologia – porque sua estimativa de um século era longa demais!” (SKIDMORE, 113, p.2012), ou seja, a previsão de Lacerda da desaparecimento do negro em um século estaria muito longe em acontecer em um país que tinha pressa em ser “civilizado”.

Assim como para a elite brasileira, a via seria a imigração branca europeia e Lacerda pensava igual. Este é o panorama do Brasil que não apenas Lacerda almejava, mas quase toda a elite branca brasileira, que via o branco europeu como uma via de branqueamento que significava a via para civilização e para o progresso do Brasil. Assim, inúmeros pensadores brasileiros desse contexto são pessimistas para com a população não branca e tinham como esperança a imigração europeia para o Brasil.

Já, Oliveira Viana (1883-1951) outro pensador brasileiro influente nas décadas 20 e 30 do século XX, acreditava na mestiçagem para o desaparecimento do negro a partir da imigração branca e, por isso, defendia-a e justificava-a, assim que:

As análises raciais do autor [Oliveira Viana] visavam finalidade única: fundamentar, em base científicas, isto é, biológicas, o projeto de “arianização”, que segundo ele, garantiria a construção de uma civilização nos trópicos. (HOFBAUER, 2006, p.241)

Para Viana, o negro representava atraso e inferioridade. Portanto, o processo da “arianização” só seria possível através do cruzamento com a população mestiça, até ocorrer a pureza do sangue ariano.

Tanto para Lacerda e para Oliveira Viana, o Brasil necessitava de um branqueamento, e essas resposta para o Branqueamento estariam na Europa com a imigração europeia para arianizar, civilizar, e branquear o Brasil.

Foi esse um longo processo histórico que formou o pensamento da elite brasileira, que se centralizou na supremacia branca e se colocou em cima das hierarquias sociais sobre os demais povos. E assim, reafirmando o seu lugar na construção e legitimação do estado e das práticas sociais e raciais que o discurso continuou presente em todo período do século XX, e ainda se faz presente atualmente.

É preciso entendermos o contexto de virada de século XIX para o XX para compreendermos a formação do pensamento que se tornou hegemônico na sociedade brasileira - o pensamento da superioridade branca e europeia se fazia mais presente. Sendo assim, o referente cenário, teve teses racistas que se fizeram presente na produção dos pensadores brasileiros, legitimada em políticas públicas como a eugenia e a “transfusão de sangue” – Política de branqueamento - (Andrews, 2007) e tudo articulado pelo projeto da elite intelectual e política do Brasil.

O pensamento social da nação brasileira foi formado a partir da afirmação de que os não-brancos eram inferiores, ou seja, essa formação hegemônica, se deu a partir do domínio do colonizador europeu que reafirmava a sua superioridade sobre os colonizados, que eram os não-europeus. Durante muito tempo houve um discurso que legitimou a discriminação, a exclusão e o racismo anti-negro, anti-indígena, anti-mestiço, que foi baseado na superioridade do homem branco e europeu. As aversões aos “não brancos” é algo que foi constituído historicamente, no qual a ideia de que o branco foi criado como modelos de humanismo, detentores de humanidades, de civilidade e como modelo universal de perfeição e constituindo como algo positivo para

todas a sociedades. Desta forma, como no Brasil e nas demais nações latino-americanas que foram formadas a partir de pressupostos racistas em todo período da colonização, se por um lado, foram criadas categorias para diferenciar os diferentes povos, por outro, também foram criaram categorias para hierarquiza-los e reafirmarem a superioridade europeia.

Desta maneira, de acordo com Hofbauer (2006) a categoria de “raça” é um termo que tem uma variação semântica aos longos dos séculos, mas como um sentido de diferenciação de seres humanos é um processo mais modernos com a da utilizada pelos pensadores racialistas do século XIX. Já a discriminação dos africanos e do indígena, foi um aspecto presente em todo período histórico do Brasil, no qual se diferenciava e discriminava o “outro” do branco, já no século XIX que aparece com muita força legitimada pela ciência e estando presente até o início do século XX tendo sua base na categoria de raça como divisão e hierarquização do indivíduo.

Pensando nisso, que o etnocentrismo está presente em inúmeras sociedades e no mundo europeu não foi diferente. Mas o que prevaleceu foi o pensamento de que o ser europeu, branco e cristão, tendiam a ser superior aos demais povos e que deveriam expandir o seu domínio a partir da compreensão de sua religião e sua civilização. Sendo esse pensamento presente na colonização da América, e no século XIX a expansão do Imperialismo europeu pelo mundo sobretudo na Ásia e na África.

Nesse pensamento, todos os povos que eram desconhecidos do mundo europeu foram objetos de tentativas de domínio, de colonização e de conquista. Assim, desde os séculos XVI e até meados do XX criaram debates e teorias que hierarquizavam os povos, tudo isso a partir de suas compreensões, pois viviam de acordo com seu etnocentrismo.

No Brasil do período colonial e do contexto da escravidão havia inúmeras justificativas que discriminavam a população de origem africana. O historiador Domingues analisando as normativas administrativas do período abordado, afirma que elas excluíam a participação de africanos e seus descendentes nos espaços administrativos e eclesiásticos, e aborda como essa discriminação era legitimada em forma de lei (DOMINGUES, 2004). Nesse sentido, o mesmo, afirma no tal contexto, além da discriminação de cor havia a discriminação de origem:

É interessante notar que o teste da limpeza de sangue, introduzido no Brasil colônia, gerou um modelo de discriminação racial baseado na cor da pele e no sangue. Isso significa que a base da discriminação racial contra o negro

não era exclusivamente o grau de pigmentação da pele do indivíduo, mas também sua origem. (DOMINGUES, 2004, p.28)

Como abordou Domingues, no período colonial havia discriminação a partir do “teste de limpeza de sangue”, o qual permitia a análise da origem tendo como critério a não permissão dos que não eram católicos - os judeus e mouros – a participarem de trabalhos públicos, uma exclusão dos não cristãos do período do século XV e XVI. Para tal contexto era necessário provar a “pureza de sangue”, no entanto, os não-brancos não poderiam esconder sua pigmentação de pele.

É com o avançar do século XVIII para o XIX que a compreensão do mundo sai das mãos da igreja e cada vez ganha o espaço da ciência. No entanto, os mesmos dilemas ainda estavam presentes, como a questão da criação do mundo, a origem das espécies, a origem do homem e os diferentes povos que a ciência buscava responder e sempre tendo o homem branco europeu como modelo. Para isso, a mesma, criou diversas teorias para explicar a diversidade do homem, então, foi nesse mesmo contexto que o conceito de “raça” foi central para hierarquizar e apontar as diferenças dos demais povos.

No Brasil, além do contexto do florescimento e expansão do pensamento científico havia a escravidão que eram uma instituição que esteve presente durante os últimos três séculos, e sendo que Brasil foi o último país a abolir o cativeiro. Durante todo esse período, milhares de homens, mulheres e crianças africanas e seus descendentes foram submetidos ao regime escravocrata, não esquecendo que sempre houve uma resistência ao sistema.

Doutro modo, o contexto do debate dos escravagista x abolicionismo também é algo a ser considerado como um aspecto presente do contexto do final do século XIX, pois os escravagistas teorizavam a escravidão negra afirmando a inferioridades destes, muitas vezes os atribuindo como animais, negando sua humanidade. Por outro lado, havia abolicionistas que acreditavam na “suposta posição superior do branco”.

Portanto, os anos 1870 – 1930 são um recorte usual na historiografia brasileira e é recorte fundamental para nossa pesquisa. Por isso, aqui falamos de um Brasil formado por teorias racistas x racialistas, pois, esses temas foram mais bem desenvolvidos pelos historiadores que analisaram tal contexto. Para o historiador Thomas Skidmore é um contexto que predomina as teses do “racismo científico, já para a historiadora Lilia Schwarcz, predominou o “paradigma do evolucionismo social”.

Analisa o mesmo período, o historiador Georges Andrews estudando a população afro-latina no contexto de suas nações, afirmando que as elites dos países da América Latina buscaram o racismo científico para justificar a política racial de branqueamento.

O racismo científico foi imediatamente abraçado pelas elites “atrasadas” e subdesenvolvidas em repúblicas modernas e “civilizadas”. Essa transformação, concluíram ela, teria de ser mais do que apenas política ou econômica: teria de ser também racial. Para ser civilizada, a América Latina teria de se tornar branca. (ANDREWS, 2007, p.152)

Como o Brasil era um país composto por sua maioria de africanos e seus descendentes, também com muitos mestiços e indígenas, foi visto com maus olhos e criticado pelas suas elites, e inúmeros viajantes não viram como algo positivo, eles que aqui passaram, se surpreenderam como o Brasil tinha inúmeros descendentes de africanos. Desta forma, as teorias racialistas estiveram presentes para explicar a questão racial da nação e empreender uma política de branqueamento, em uma jovem nação que buscava a modernidade.

Para as elites do contexto latino-americano e da virada do século, eles acreditavam e afirmavam que não era possível alcançar o progresso e a civilização pela grande presença de negros, mestiços e indígenas. As elites latino-americanas desejavam o progresso e a civilização tendo como base a Europa, e para isso “A América Latina teria de se tornar branca”, assim creiam as elites dessas nações, que tal logro somente seria possível pela imigração, ou melhor dito, por uma política de “substituição de sangue branco”.

A imigração foi apenas o primeiro passo no branqueamento e na europeização das sociedades latino-americanas. Essas sociedades não precisavam apenas ser branqueadas racial e demograficamente, tinha de ser também branqueada cultural e esteticamente. Uma forma que esse branqueamento assumiu transformação física das principais cidades da região cuja áreas centrais foram derrubadas e reconstruídas no modelo estilo europeu. (ANDREWS, 2007, p.153-154)

Como atestou George Andrews, o primeiro passo para o processo de branqueamento foi o da imigração europeia, sendo que não era somente uma questão de “transfusão de sangue”, mas também, da europeização da cultura, da estética, dos costumes, das cidades com suas reformas urbanísticas e na busca pela modernidade. A América latina buscou os modelos europeus e sobretudo de Paris. Assim, as elites latino-americanas buscaram a civilização, o progresso e modernidade da Europa.

A civilização e a modernidade fundamentavam-se na ordem, na racionalidade, na disciplina e no controle. Para as elites da virada do século, essas danças e a cultura afro-latina, de modo geral, representavam a negação completa desses valores. Evocando o racismo científico da época e as autoridades do Estado invocavam constantemente a suposta dicotomia entre a civilização europeia e o barbarismo africano e requeriam a supressão da cultura popular de raízes africanas em quase todas as suas manifestações. (ANDREWS, 2007, p.156)

Contudo, o cenário do Brasil da virada do século XIX para o XX é um contexto de negação da cultura, das práticas, e da história dos africanos e de seus descendentes. Ademais, era um contexto de perseguição, pois os Estados reprimiram e combateram as práticas tradicionais, as danças e a religião afro-latinas. Por outro lado, foi valorizada a imigração e a cultura europeia para alcançar a civilização e o progresso pretendido. Todas essas práticas legitimadas, por um ideal racista tendo como justificativa a superioridade do branco sobre os demais povos, ou seja, a negação do negro.

## 1.2 Que negro é esse “objeto” da ciência?

Andreas Hofbauer (2006) analisa a historicidade do branqueamento argumentando que o presente tema está presente na formação da história do Brasil. Assim, em sua introdução nos apresenta aspectos importante sobre o “branqueamento”:

A ideia de transformar o negro em branco pode ser interpretada como um ideário (ou “ideologia”) antigo que ganhou força simultaneamente com concepções específicas do mundo e do ser humano, tendo marcado desde o início da sociedade colonial brasileira. O ideário do branqueamento – uma característica importantíssima do “racismo a brasileira” – tem “atuado” como suporte ideológico das relações do poder patrimonial que se estabeleceram e se firmaram no país. A partir do século XIX, a ideia do branqueamento, se transformou num argumento importante do discurso daquela parte da elite brasileira (político e cientista) que queria mudanças econômicas, mas, ao mesmo tempo, mostravam-se preocupada diante de qualquer mudanças nas relações de poder estabelecidas. (HOFBAUER, 2006, p.26)

Ao longo de seu livro, Hofbauer (2006) constrói um argumento de que o branqueamento é algo inerente ao mundo Ocidental, estando presente em inúmeros contextos do ocidente, “que durante muito, a “cor da pele não foi vista como um dado natural objetivo (ou biológica). “Preto-Negro” representava, em primeiro lugar, o mal o moralmente condenável, o pecado, enquanto “branco” expressava o divino e a pureza da verdadeira fé” (HOFBAUER, 2006, p.35); como na antiguidade grega e romana,

permeados nos contextos das religiões do judaísmo, do cristianismo e do islamismo, no contexto da Europa medieval e sobretudo presente no mundo colonial americano, isto é, em todos esses contextos apresenta diferentes aspectos sobre um ideário de branqueamento. Nesse sentido, o autor questiona historiadores como Thomas Skidmore e Lilia Schwartz nos quais afirmaram que o branqueamento é “fruto do século XIX e do Brasil”.

O século XIX é conhecido pelo século dos “homens de Ciência”, e foi nesse período que houve uma proliferação de teorias problemáticas acerca da questão racial, da questão do negro, do índio e do mestiço. Foram elaboradas, recriadas e readaptadas teorias do evolucionismo social provinda do Darwinismo, do positivismo que tiveram projeção no contexto nacional e que justificou o racismo que passou da ideologia para a prática social.

No já citado século, no Brasil, foram criadas várias instituições de pesquisa e de ensino. Nelas, foram acolhidas as teses do “racismo que estavam decadentes na Europa” (SKIDMORE, 2010), nas palavras de Renato Ortiz, as teorias raciológicas entram em declínio na Europa, elas se apresentam hegemônicas no Brasil” (ORTIZ, 2012, p.29)

Instituições, tais como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina de Salvador, Faculdade de Direito de São Paulo, Faculdade de Direito de Recife, Institutos Históricos e os museus. Foram nessas instituições nos quais adotaram as teorias do racismo científico que provinham e que teve projeção no contexto nacional. Assim, pensadores que se destacaram na época como Nina Rodrigues (1862-1906), Joseph de Gobineau (1816-1882), João Batista de Lacerda (1846-1915), Silvo Romero (1851-1914), Oliveira Viana (1883-1951) e Euclides da Cunha (1866-1909), legitimaram o pensamento a partir da escrita, pois, ocupavam espaços como médicos, professores, políticos, jornalistas, escritores e que tiveram projeção no pensamento nacional.

Foi nesse contexto que percebemos a força de uma mentalidade, como ela se forma de maneira circunstancial, e como acabar por servir de argumentação para a percepção que se tinha, e se tem, dos grupos sociais no Brasil. Estes intelectuais pesaram teorias raciais para explicar a questão racial no Brasil, além disso, pensar o futuro do país, e o negro, o índio e o mestiço passaram a ser objeto dessa ciência (SCHWARCZ, 2012).

Um contexto de forte materialização da ideologia do branqueamento, como foi criado a política de estado de imigração, com uma proposta iniciada nos meados do século XIX, teve como projeto tornar o Brasil como um país branco em busca de sua “civilização” e de seu “progresso”.

Se por um lado, enquanto havia um ataque partido das elites hegemônicas para com a população de origem africana, mestiça e indígena, havia, por outro, um país composto em grande maioria pela sua população de origem africana, indígena e de seus descendentes. Foi neste mesmo cenário que a elite intelectual e política recorria explicações científicas, afirmando que o país precisaria “embranquecer” para alcançar os modelos europeus. Havia uma grande preocupação por parte dessas elites nacionais, e de como era visto fora do Brasil, pois, além da grande concentração de negros havia os mestiços que era considerado como algo negativo.

Além dos espaços dos “lugares das ciências” no qual reafirmava o discurso da inferioridade do negro e contraposição a superioridade branca, havia a reprodução desse ideário na imprensa Paulista. O livro da historiadora Lilia Schwarcz “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira” (2012), analisou três jornais paulista do final do século XIX e apresenta o imaginário das elites paulista acerca dos negros.

A autora consegue extrair características-valores que aparecem nos jornais contexto da abolição e da república. Estes são: “negros violentos”, “negros pervertidos”, “incivilizados, negros bárbaros”, “negros dependentes-serviçal”, “passivo”, “degenerado”, “vingativo”, “traíçoeiros”. Já os brancos representavam o contrário daquilo que foi associado aos negros. Também, para Schwarcz as teorias do racismo científico também foram identificadas nas páginas da Imprensa Paulista.

Quando chegarmos aos primórdios do século XX, em que diferentes personagens se e tornavam-se representavam inclusive dominante, se por um lado a “sciencia” de tudo tratava, por outro a imprensa possuía também um papel complementar e destacado. Enquanto a “sciencia” a tudo explicava, a imprensa veiculava e normalizava representações, transformando-as cada vez mais rapidamente em consensos coletivamente aceitos e assumido” (SCHAWARCZ, 2017 p.291).

Nesse sentido, a partir da análise da autora, as teorias científicas não ficavam restritas aos seus espaços “institucionais”. Elas legitimavam as representações que inferiorizam os negros, saíam dos seus muros físicos das instituições científicas, e na imprensa, reproduziram e reforçaram as imagens negativas. Nas palavras da autora:

[...] onde a “eficácia da prática do jornalismo” é dada muito mais pelo reconhecimento social do jornal enquanto espaço de criação de verdades pelo reconhecimento social do jornal enquanto espaço de criação de verdades e de conceitos universais.” (SCHAWARCZ, 2017 p.293)

Da mesma forma, o historiador Petrônio Domingues, estudando a ideologia do branqueamento em São Paulo no contexto do pós-emancipação constrói um quadro que representa o imaginário sobre o negro no pensamento das elites de São Paulo:

Tabela 2 – O negro no Imaginário das elites de São Paulo.

<b>Negro simboliza</b>	<b>X</b>	<b>Imigrante branco europeu</b>
<b>Atraso</b>	X	Progresso - desenvolvimento
<b>Barbárie</b>	X	Cultura
<b>Passados</b>	X	Futuro
<b>Devassidão</b>	X	Moral
<b>Escravidão</b>	X	Liberdade
<b>Primitivismo e selvageria</b>	X	Civilização
<b>Africanização ou enegrecimento</b>	X	Clareamento da raça ou branqueamento

Fonte: DOMINGUES, 2004, p. 321

Este quadro construído por Domingues (2004) é importante porque sintetiza o imaginário das elites sobre os negros e das políticas de branqueamento, nos quais atribuem características aos negros e aos brancos. De um lado, os negros simbolizam aspectos negativos, e de outro, os brancos representam aquilo que seria benefício para o Brasil.

Estas formas de representações estereotipadas não somente moldaram o pensamento da sociedade brasileira, mas também influenciaram na construção da subjetividade de seus indivíduos. Basta lembrarmos que o pensador martinicano Franz Fanon em sua obra *Pele Negra Máscara Brancas* (2008) analisou como que as sociedades coloniais racializadas influenciaram na construção da subjetividade do negro e do Branco. Assim, no Brasil não foi diferente, pois foi constituída de uma colonização marcada pela supremacia branca em contra posição da inferioridade

negra, assim, “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*” (FANON, 2008, p.90).

Desta forma que, o Brasil um país de colonização europeia que racializou e inferiorizou seus colonizados, a partir da “civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial” (FANON, 2008, p. 88), este racismo que remonta a sociedade colonial encravou na sociedade brasileira, e não somente, legitimou a inferiorização e demonização dos “outros”, neste caso, os “homens e mulheres de cor”, como o autor já citado nos aponta o estranhamento que os descendentes de africanos causavam.

“Olhe, um preto!” Era um *stimulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso.

“Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia.

“Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente.

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. (FANON, 2008, p. 105)

Se por um lado Fanon apresenta como que o racismo colonial cria uma imagem dos colonizados, tem um estranhamento com os sujeitos colonizados-racializados – o negro. O autor também aborda como que essa mesma sociedade criaram uma imagem do branco em contraposição aos negros como significados do mal.

Nas profundezas do inconsciente europeu elaborou-se um emblema excessivamente negro, onde estão adormecidas as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E como todo homem se eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este não- civilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia entrou em contato com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal (IBID, 2008, p. 105)

### **1.3 A imprensa negra em um contexto de ideologia racialista em São Paulo**

A história da imprensa negra está inserida nos primórdios do nascimento da “palavra impressa no Brasil”, isso quando fazermos referência da história dos jornais. Isto porque, a imprensa negra foi produzida duas décadas depois que foi criado o

primeiro jornal brasileiro, sendo impresso em Londres 1808 e teve por nome “correio brasiliense”, no mesmo ano, apareceu no rio de Janeiro o jornal “Gazeta do Rio de Janeiro”, já o terceiro foi o “Idade d’ouro do Brasil” e o primeiro da Bahia”, sendo esses o primórdio dos jornais brasileiros.

Já o primeiro jornal negro teve por nome, “Homem de cor” foi criado em 1833 na cidade do Rio de Janeiro, em um contexto no qual a escravidão ainda era vigente, além de estar inserido no contexto dos primeiros jornais no Brasil foi o primeiro jornal da imprensa Negra, e depois dele, apareceram outros jornais desse mesmo tipo de imprensa no nordeste, no sul e sudeste.

Nesse sentido, é possível identificar um jornal da imprensa negra a partir de seu auto identificação do jornal, nas páginas desse tipo de imprensa, os produtores, jornalistas ou redatores apresentam os seus subtítulos como “Homens de cor”, “Orgam dos homens de cor”, “Classe dos homens de cor”, ou para “Homens pretos”.

Assim, falando sobre a imprensa negra o Historiador Gilmar Luiz de Carvalho a compreende:

[...] o que seria a Imprensa negra, compreende um conjunto de jornais criados e mantidos por pessoas negras, direcionados ao público negro para o entendimento de expectativas específicas em defesa de seus interesses. (CARVALHO, 2009, p.66)

Portanto, desde meados do século XIX, XX e atualmente a imprensa negra esteve e é presente em várias partes do território brasileiro. Foi no Estado de São Paulo que se concentrou no início do século XX a maior parte da produção de Jornalística da Imprensa Negra, por outro lado, no mesmo período, cidades do sul do Brasil como Porto Alegre teve “o Exemplo” e em Pelotas “O Alvorada”, jornais de proporção regional, ademais, pesquisas recentes tem apontados pequenos jornais em várias regiões do Rio Grande do Sul distantes das capitais, a exemplo da imprensa negra Bargeense.

Foi estudado a imprensa negra de São Paulo que a historiadora Mirian Nicolau Ferrara dividiu a imprensa negra paulista em três períodos: “com base na bibliografia analisada, no material empírico e nos depoimentos, traçamos o histórico da imprensa em três períodos: 1º, de 1915 a 1923;2º, de 1924 a 1937,º, de 1945 a 1963” (Ferrara:200), o trabalho de Mirian Ferrara é importante, pois, foi umas das primeiras sistematizações da imprensa negra paulistana. Por outro lado, Ana Flavia Pinto estudando a imprensa negra do século XIX apresentou periódicos negros de São

Paulo como a “Pátria” (1899) e “O Progresso” (1899), ou seja, Ana Flavia Pinto apresentou jornais da imprensa negra paulista já presente no século XIX.

Já Gilmar Luiz de Carvalho, analisando a imprensa paulista e seguindo a periodização de Mirian Nicolau, afirmou que o Jornal Menelik de 1915 serviu de modelo para os próximos periódicos e constituindo um marco na imprensa negra paulista:

O Menelik reunia, à época de sua primeira publicação, a maior parte dos elementos que seriam característicos dessa imprensa nos anos vindouros, por sinal, aqueles de maior efervescência para o movimento negro em São Paulo na primeira metade do século XX. Todos os outros jornais que se lhe seguiram deram continuidade a suas ideias, seja no quesito informativo, seja no sentido reivindicatório e político, além do fato de que parcela significativa do teor desses jornais já estavam presentes nas publicações oitocentistas. [...] consideramos que o aspecto crítico de um jornal pode aparecer até na significação contida em seu título, em sua organização administrativa, na preocupação e no cuidado com os leitores, bem como na missão a ser transmitida. O Menelik, assim como o rei etíope, trazia em si a capacidade de superação do negro sobre a elite dominante, o exemplo de integração a ser seguido. O Jornal, mesmo de uma forma mais modesta, proponha a discussão dos temas que eram pertinentes à realidade do negro em São Paulo naquele momento. (CARVALHO, 2009, p. 74-78)

Nesse sentido, Carvalho considera que o Menelik como um marco pelo “seu aspecto crítico”, que já pelo seu nome o jornal homenageia o imperador da Etiópia em um contexto que em São Paulo estava recebendo concentração de imigrantes italianos. Ademais, o Menelik e os demais jornais que apareceriam após apresentam características que vão além de “mexericos” ou folhetins informativos. Este é o caso do jornal o Alfinete de 1918, de acordo com Carvalho,

O Alfinete conseguiu se sobressair não só como um jornal de mexericos e eventos, mas também pela quantidade de seus editoriais, os quais já desmontavam alguma maturidade em relação ao cotidiano do negro em São Paulo e suas possibilidades de ascensão. (CARVALHO, 2009, p. 86)

Portanto, a partir da consideração de Carvalho acerca do jornal da imprensa negra “O Alfinete”, há um desenvolvimento e maturidade dos jornais, ou seja, editoriais mais elaborados, e jornal mais crítico.

A imprensa negra são fontes importante para se estudar a produção escrita negra no Brasil. O sociólogo Clovis Moura estudando a questão do negro brasileiro, faz uma crítica da marginalização do estudo da imprensa negra pelo fato de que “o espaço brasileiro é um espaço de privilegio” e por esse motivo “desconsidera a escrita negra”, e conclui afirmando que:

Ninguém considera os poemas, os sonetos, e as crônicas publicadas nesses jornais como literaturas. São consideradas pela crítica acadêmica uma sublitteratura que nem merece ser estudada. [...] ninguém até hoje, ao que parece estudou essa imprensa como a portadora de uma linguagem alternativa, devendo ser considerada do dentro da sua estrutura de expressão, uma parte da cultura brasileira. (MOURA, 2015, p. 248-49)

Como apontou Clóvis Moura, ainda há muito que estudar, a cada dia a imprensa negra vem saindo da marginalização, onde hoje é possível encontrar inúmeros trabalhos do norte ao sul do Brasil que analisam a produção escrita da população negra. Pesquisas que vem sendo realizadas na última década. Nesse sentido, que o estudo da imprensa negra está inserido no contexto do estudo das liberdades e do pós-emancipação como problema historiográfico.

São nos escritos da imprensa negra que é possível identificar a história da resistência, das contradições, das lutas, dos cotidianos e das articulações. É nela que, apresenta uma proposta no meio social de “melhorias” para os “Homens de cor”, no contexto da escravidão, das liberdades e do pós-emancipação.

O objetivo em comum dessas publicações era a luta pelo “reerguimento geral” da população de cor. Fatos e personagens históricos relacionados à sua história, assim como poesias, contos e propagandas compunha o conteúdo de suas páginas. Os jornalistas também informavam seus leitores e leitoras sobre acontecimentos da “classe”, tais como reuniões, bailes, picnics, aniversários, noivados e casamentos, nascimentos e óbitos. Para observadores mais atentos, traços aparentemente simples ou menores como a existência de nomes para centenas de homens, mulheres e mesmo crianças, nomes de bairros e distritos, endereços de assinantes, tipos de cabeçalho e propagandas presentes nesses periódicos evidencia uma riqueza de personagens e detalhes ainda pouco explorada pela historiografia temática. (XAVIER, 2011, p. 222)

Acima a historiadora Giovana Xavier Cortes abordou com o qual propósito a imprensa negra era voltada com um projeto de “reerguimento geral da população de cor”, sendo que os conteúdos, o formato, o cotidiano eram todos direcionados para este tipo de público. Na mesma proposta em explicar a presença da Imprensa Negra, Petrônio Domingues (2008) analisando esse tipo de escrito em São Paulo nos anos 1889-1930, afirma que a produção aparece no contexto em que,

Os ex-escravo e seus descendentes foram abandonados a toda ventura, e muitos deles passaram a viver em estado de penúria. Para mudar esse quadro desfavorável, um grupo afro-brasileiro fundou o que se denominou “imprensa negra”, uma série de jornais alternativos voltados para a luta em defesa dos interesses da “classe dos homens de cor”. (DOMINGUES, 2008, p.20)

Em outro momento Petrônio Domingues afirma que no período do pós-emancipação os negros eram estereotipados pela imprensa Branca, e a imprensa negra aparece como uma ferramenta de representatividade de um grupo marginalizado no contexto do pós-emancipação:

No período do pós-abolição, os negros eram representados de forma negativa pelos jornais da grande imprensa. Em linhas gerais, eram objetos de notícias sensacionalistas, sendo chamados de ladrões, assassinos, desordeiros, prostitutas, bêbados, vagabundos. Ademais, imperava o silêncio e a invisibilidade. O espaço reservado nesses jornais para abordar dificuldades, eventos e anseios da comunidade negra era praticamente nula. (DOMINGUES, 2008, p.30)

Contudo, que a imprensa negra teve e tem um papel importante em promover “melhorias para a população negra”, com seus projetos de “emancipação da raça”, são contextos de buscas de liberdades, numa sociedade que predominou e ainda é presente a discriminação, o racismo e a “ideologia do branqueamento” mesmo segue presente Sendo nesse cenário inúmeros jornais foram produzidos. Um semanário de 4 páginas por nome “Getulino” foi produzido em Campinas em um 5 de agosto de 1923, publicando seu segundo número se dirigiu aos “homens de cor”, logo em sua primeira página é possível identificar com o qual proposito nasceria: sendo um, “Órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos” – indicava em seu cabeçalho. A publicação destinava os negros de Campinas e de Brasil.

#### **1.4 Getulino e o protagonismo negro**

A partir da periodização de Mirian Nicolau Ferrara, o *Getulino* nasceria entre a primeira fase e a segunda da imprensa negra de São Paulo (1915-1937), a periodização aponta, que foi o momento de amadurecimento desse tipo de produção, sendo o *Getulino* um jornal muito bem elaborado para um jornal dos anos 20 e que depois dele apareceram jornais que seguirão esse mesmo formato.

Em seu cabeçalho é possível identificar os responsáveis pelo projeto jornalístico que acabara de ser inaugurado. Tendo como “diretores proprietários”, Andrades e Moraes, Redator-Chefe Lino Guedes e Redator-Secretário Gervásio de Moraes. Assim, tendo sua produção realizado por “homens e mulheres de cor”, o jornal se orgulhava de ser: “No Brasil é a primeira vez que se registra o aparecimento de um

jornal de homens de cor, com oficinas próprias, colaborando e dirigido por homens de cor!”.

Outras informações no seu cabeçalho são possíveis identificar: o preço do semanário, tendo assinaturas de 10\$000 a anual, 6\$000 semestral, de 1\$000 mensal, e 2\$00 avulso. Assim, nas primeiras edições predominam o mesmo formato, de seu cabeçalho, editorial, fotografias, anúncios, vida social, e o anúncio de concurso de beleza.

O design do formato da página permanece o mesmo até a edição de 16 dezembro de 1923. Na 21ª edição foram inseridas novas informações, como o endereço da produção do *Getulino*, “Redação e oficina Rua Luzitanias, 135 – Telefone 315”, e o acréscimo de outro colaborador, “Gerente Martinho J, Andrade”.

**Getulino**

ORGAN PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS HOMENS PRETOS - Gerente Martinho J. Andrade  
Redactor chefe - LINO GUEDES Directores proprietários: Irmãos Andrade Redactor secretario - GERVASIO DE MORAES

Anno I | Redação e oficinas: Rua Luzitana, 135 - Telefone, 315 | Campinas, 16 de Dezembro de 1923 | Assinaturas (Mes. . . . . 1800 | Numero avulso 200 | Num. 21

**Pela vida e pela honra**

Referências à nossa sociedade disse alguma, com possivelmente acerto e em certo ponto, o seguinte:

«De que lhe serve fatigar-se tanto em exercicios durante o dia, nos gymnasios, ou campos de atletismo e no mar, se, á noite, todas as energias adormecem em sonhos de fructos, vãos se levadas pelos fantasmas que por ali se voada esmagam, momentaneamente em logas e em bordels, e ainda de tarde, em possivelmente, as viellas escusas por mercaforos cordões da raça do Judente de Fado de quem houve e rebou o elixir letal que pôs fim ao seu maldito amor?»

Se é com essas ideias que a sociedade pretende retribuir-se está arrazada.

E não é só o corpo que se está relaxando, em frequencia tambem o caracter dos individuos começa a resenir-se dos desmanhos em que elles se abastardam fazendo com que, apesar de todos os pregoes que por ali correm, antecorrendo o

**BOAS FESTAS**

Dedicado ao quadro das danças do «G. R. José do Patrocínio» de Campinas

*Gosto das flores, dos perfumes dellas,  
Principalmente, das punicas rosas,  
— Flores queridas das gentis donzellas,  
Que os versos cedem rimas primorosas!*

*As violetas, as hortencias be'las,  
São para mim as flores mais geitosas,  
Para fazer se a' gumas ricas telas  
De poesias lindas ou minozas!*

*Para presentes, neste fim de anno,  
Eu muita cousa tenho contemplado,  
Mas só conservo na memoria um plano . . .*

*De boas festas, eu sem ter receio,  
Vos darei flores, que eu colther do prado,  
Em meros versos que acceptal-os creio.*

São Paulo, 13 de Dezembro de 1923.  
DEOCLECIANO

Deocleciano Nascimento, maviu o cantor da *Musa ethyopica*, em pr pro, que o «Getulino» hospedou na semana ultima, conforme noticia inserta

Figura 2 – O *Getulino*, Ano I

Fonte: BNDigital.

Desta maneira, que o *Getulino* foi lançado todos os domingos, de julho a 30 de dezembro tendo 23 edições, não tendo muitas variações no formato do jornal, mantendo suas 4 páginas, na sua primeira ou na segunda página uma foto de uma personalidade no centro, e um editorial, e nas suas últimas páginas dedicadas aos anúncios.

Em seu segundo ano (1924) foi na edição número 33 que observamos uma nova informação em seu cabeçalho, como um novo gerente, o Sr. Antenor Soares de Q. Prado, ficando o gerente, o Sr. Matinho J. até a edição 51, também é possível observa a alteração do preço da assinatura, mensal de 1\$000, para 1\$500, de anual de 10\$000 para 12\$00. Sendo assim, no seu segundo ano, as edições foram das 23 a 51.

Já o ano de 1925 o *Getulino* não publica nenhuma edição, seu terceiro ano (1926), ele se apresenta como sua “Segunda fase” tendo como uma única edição no dia 13 de maio de 1926, assim, o referido, apresenta uma alteração no subtítulo que era “Órgão para a defesa dos homens pretos” e passando para “Órgão da defesa dos homens pretos no Brasil”. E tendo, como sua produção “Redator-Chefe Agnelo Rodrigues”, Redator-Gervásio de Moraes” e “Diretor Lino Guedes”.

No seu segundo número, o *Getulino* apresenta um editorial que conta como foi o seu aparecimento e a sua recepção em Campinas e região. O título do editorial se chama “O nosso aparecimento”, nele, aparece reproduções de trechos de jornais de Campinas e cidades próximas, e reproduções de trechos de carta e telegramas nos quais parabenizam o semanário. Neste editorial, fica evidente como que o *Getulino* como um jornal “produzido por negros e para negros” tem um papel de protagonismo dos “homens de cor”, pois, o *Getulino*, em “gesto em prol dessa raça, que como a fênix ressurgiu das cinzas da ignomia do preconceito, do sofrimento, para a ordem e progresso do Brasil”, é o “primeiro número do bem feito semanário órgão fundado para o interesse da classe dos homens de cor”.

A partir do editorial, observamos que foram os próprios dirigentes do *Getulino* que entregaram a primeira edição em diferentes jornais, pois, eles o agradecem: “agradecemos o exemplar enviado a nossa redação”, e o jornal falar, “ao receber o *Getulino* está sociedade encheu-se de orgulho”, outro jornal, “temos sobre a mesa o n1 do *Getulino* novo semanário que acaba de aparecer nesta cidade. É composto em oficinas próprias”.

Até aqui já foi descrito o design, os produtores, a distribuição, preço e muito falado do *Getulino*. No entanto, ainda está faltando algo, aquilo que não foi apresentado, o porquê o semanário teve seu nome “batizado” por *Getulino*? Quais são as referências para *Getulino*?

Ainda no editorial do seu segundo número aparece a seguinte informação: “traz sua 1 página um bom retrato do grande Luiz Gama, (Getulino), notável jornalista, advogado, e polemista de pulso, que tanto honrou a raça negra no Brasil”, se referia a Luís Gama, que de acordo com essa informação, sua fotografia estampava o centro do primeiro número. Em vários momentos do jornal o Abolicionista, advogado, jornalista e escritor Luís Gama da Pinto foi mencionado. Ele, uma figura muito importante dos meados do século XIX e muito lembrado no início dos anos XX, nascido na Bahia em 1830, foi filho de mãe africana livre e de Pai Branco, vendido pelo seu pai ainda criança e conquistando sua liberdade na sua juventude.

Assim, Luís Gama ou *Getulino*, foi e o é uma referência negra muito importante para a população negra, por isso os editores do “Getulino” recorrem a esse pseudônimo para escrever o Jornal.

É com o “Getulino” (1923-1926), jornal de Campinas fundado por Lino Guedes e Gervásio de Moraes que se iniciam efetivamente, na imprensa negra as reivindicações que irão prosseguir até 1937. Este jornal foi feito em homenagem a Luís Gama que tinha um de seus pseudônimos Getulino. (FERRARA, 1985, p. 201)

Por isso que o *Getulino* busca um protagonismo para si como agentes da história negra, além de reforçar a sua história, durante todas as suas páginas buscou resgatar a história de homens e mulheres negras que participaram da construção do Brasil. Desta maneira, que o semanário é uma fonte que se centra na participação negra, então a partir da história do “Getulino” é possível compreender a história dos afrodescendentes de Campinas das primeiras do século XX.

E aqui é importante para pensarmos a partir das reflexões do ativista intelectual martinicano, o escritor Franz Fanon que melhor explica o porquê dos colonizados se apropriam dos valores dos colonizadores, assim o explica as consequências do racismo na construção da subjetividade dos sujeitos racializados. Assim, o referido escritor é uma referência importante para pensarmos como que o semanário “Getulino” se encontra no contexto em que a ideologia do branqueamento é hegemônica.

## **CAPÍTULO II –**

### **GETULINO E SUA HISTÓRIA: O QUE DEFENDE O JORNAL?**

Tava durumindo cangoma me chamou  
Tava durumindo cangoma  
me chamou Disse levante povo cativo já acabou.

**Clementina de Jesus**

No dia 13 de maio,  
cativo acabou,  
e os escravos gritavam  
liberdade senhor.

**Jongo da Serrinha**

No dia 13 de maio é um dia muito bonito  
No dia 13 de maio é um dia muito bonito  
Todos pretos se reúnem (aí meu deus do céu)  
Pra saravá São Benedito.

**Jongo São José da Serra**

## CAPÍTULO II – GETULINO E SUA HISTÓRIA: O QUE DEFENDE O JORNAL?

### 2.1 “Campanha Abolicionista”: um movimento presente no *Getulino* (1923-1926)

Na epigrafe apresento três jongos<sup>9</sup> que até hoje são cantados, o primeiro, “Cangoma me Chamou” celebrado na voz da grandiosíssima Clementina de Jesus; o segundo, o “13 de maio” que é um jongo da serrinha; o terceiro, “no dia 13 de maio”, um jongo do Quilombo São José da serra. Os três jongos têm algo em comum, e são muitos significativos para a população que outrora conquistou a liberdade pelo 13 de maio, pois estão celebrando o dia em que ficou marcado na memória da população escrava do pós-emancipação e da sociedade Brasileira. Ademais, mesmo que o fim do cativeiro fora resultado de inúmeros agentes, e o jongo o celebra, e na imprensa negra do pós-emancipação, ele vai além de apresentar o 13 de maio e celebrá-lo. O *Getulino* não apenas representa o 13 de maio, mas vai além, pois, representa a “campanha abolicionista”.

Lendo as páginas do *Getulino* é possível se deparar com inúmeros editoriais, colunas sobre personalidades políticas, “retratos”, artigos que abordam o período histórico do Brasil que se compreende a escravidão; inúmeras biografias, que vão desde os grandes ícones do abolicionismo, a outros que não são tão conhecidos; aos grandes vultos nacionais que tiveram protagonismo nas leis abolicionistas, e nas leis que às antecederam, até mesmo abolicionistas não tão conhecidos que agiram em Campinas e região. Portanto, há uma “Campanha abolicionista” presente desde o símbolo *Getulino* no jornal, nas páginas deste, desde o seu primeiro número até na sua última edição. São inúmeras as referências ao passado, ao qual participaram os africanos e seus descendentes, dos quais colaboradores, redatores e jornalistas fazem referência.

---

<sup>9</sup> “O **Jongo/Caxambu** é uma forma de expressão que integra percussão de tambores, canto e dança. Característico da região sudeste do país, era praticado pelos trabalhadores escravizados de origem bantu, nas lavouras de café e de cana-de-açúcar, como forma de lazer e resistência à dominação colonial. Foram eles e seus descendentes que, em suas comunidades, mantiveram e transmitiram às novas gerações os saberes, práticas e valores contidos nesta manifestação.” Disponível em: <<https://cutt.ly/2gQkMXN>>. Músicas disponíveis em: <<https://cutt.ly/ogQkHCF>> e <<https://cutt.ly/zgQkZJE>>. Acessado em 13.04.2020.

A partir dessa observação, nos perguntamos se é possível perceber que o semanário estava com o “pé” no século XIX ou se seria continuidade desse processo abolicionista, isto é, por que seus artigos sempre fazem referências ao processo que levou a extinção da escravidão? O *Getulino* seria uma continuação de um projeto dos abolicionistas do século XIX? Sendo assim, nesse espaço é o objetivo desse tópico: analisar o porquê da presença da “campanha abolicionistas” nas páginas de um semanário negro das primeiras décadas do século XX.

Nesse sentido, não queremos fazer um trabalho sobre a história da abolição, pois muitos trabalhos já analisaram tal período, especialmente os que analisaram o período da “transição” do trabalho escravo para o livre, ou do declínio da escravidão, tais como, os primeiros pensamentos abolicionistas e até o processo de transição do 13 de maio Costa (2010); as diferentes estratégias dos abolicionistas Alonso (2015); a história da abolição em diferentes partes do atlântico Drescher (2011); a trajetória dos escravizados nas últimas década no processo da abolição e do pós-abolição Mattos (2013); as ações individuais dos escravizados em busca da liberdade Chalhoub (2011); a trajetória dos ex-escravizados no contexto do 13 de maio e de seu pós na região do recôncavo baiano Fraga (2014). Estes autores, são referências para analisar o presente tema.

Ademais, faremos a leitura e análise do *Getulino* a partir do livro Cultura e Representação do Intelectual Jamaicano Stuart Hall, que em seu livro nos apresenta ferramentas úteis para uma análise minuciosa a partir do conceito de representação, que,

[...] é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2015, p. 32)

Assim, a análise recairá sobre a produção das narrativas do processo que finalizou com a escravidão no dia 13 de maio de 1888, esta que é uma data que até hoje é comemorada e que celebra o fim do cativo, e durante os anos 1920 esses significados foram produzidos e compartilhados não somente na história oficial, mas também nas comunidades negras.

No contexto da década dos anos 1920 a “campanha abolicionista” já havia acabado, entretanto, fora este período, de produção do *Getulino*, que o evento ainda era presente na memória dos agentes produtores do semanário. A data do 13 de maio de 1888 era recente e os autores do *Getulino* constituíam a geração dos “filhos e dos

netos de escravizados”, pois a geração dos ex-abolicionistas e dos políticos que foram protagonistas na campanha abolicionista, haviam morrido alguns anos antes, ou estavam morrendo, ou seja, muitos agentes do *Getulino* são contemporâneos das figuras centrais da “campanha abolicionista”.

Nesse sentido, sempre é importante contextualizarmos a história da diáspora africana no Brasil, pois este foi um país formado a partir da contribuição da presença de africanos e de seus descendentes. Milhares de africanos foram sequestrados na África e vendidos como escravos no comércio transatlântico e assim formando a Diáspora forçada pelo atlântico. No Brasil, eles serviram como pés e mãos no trabalho na construção do país, sendo como colônia de Portuga durante os períodos dos monocultivos de cana, café, fumo, de algodão, nas charqueadas, outras pequenas lavouras, construção, serviços domésticos, o trabalho escravo esteve presente na história do Brasil (SCHWARCZ, 1988; COSTA, 2010).

Não se deve esquecer que o Brasil foi construído pelas mãos e pelos braços dos africanos escravizados. Foram mais de trezentos anos que a escravidão foi presente na história do Brasil. Assim, o dia 13 de maio de 1888 é a data oficial da abolição da escravidão no país, último a abolir a escravidão em todo hemisfério ocidental e, portanto, no contexto de 1920, seus descendentes ainda viviam em um contexto de maio inconcluso.

Os escravizados buscaram formas de resistir o regime absurdamente cruel, desde quando puseram seus pés na América do Sul. De tal maneira que as fugas, o assassinato dos senhores e dos capitães do mato, as queimas das lavouras e inúmeras revoltas constituíam múltiplas maneiras de resistir a escravidão, a violência e a discriminação. Assim, os processos de organizações sociais como os quilombos, reisados, irmandades, capoeiras, congos, confrarias e etc., foram fundamentais para que os negros buscassem criar mecanismos de lutas e resistências, nos quais buscaram ser protagonistas nas suas liberdades Andrews (2007), Mattos (2006) Santos (2015).

Da mesma forma que a diáspora africana foi a partir do “Atlântico Negro”<sup>10</sup>, o movimento abolicionista não foi diferente, pois se constituía de um movimento atlântico, ou seja, era constituído nos espaços do atlântico negro que ecoava na América do norte, no Caribe com a revolução de São Domingo, na Europa e África, e pelas diferentes sociedades abolicionistas e de locais importantes na Inglaterra, França, Estados Unidos, Cuba, Filipinas e Espanha. Assim, se questionou o tráfico escravocrata e o regime da escravidão no mundo Drescher (2011), Costa (2010), Alonso (2015) e muitos brasileiros se integraram a rede atlântica que já era constituída.

De acordo com Emília Viotti da Costa, durante o século XVII e XVIII “tinha sacerdote resistente no Brasil a insistir na necessidade de se dar ao escravo um tratamento mais humano, embora aceitassem sem restrições a existência da escravidão” (COSTA, 2010, p.380). Assim, os sacerdotes destes períodos de forma discreta apresentavam críticas ao tráfico, escravidão e o tratamento que os escravizados recebiam. Mas, para autora, foi no Brasil do século XIX que “os argumentos antiescravistas começaram a aparecer com certas insistências” (ibid, p. 381).

Nas décadas de 1850 e 1860, as sociedades abolicionistas começaram a ser criadas no Brasil, mas as atividades concretas desse grupo ocorreram entre os anos de 1860-80, no que refere ao questionamento sobre a escravidão e como era o tratamento dado aos escravos, a partir da realização da campanha para manumissões. A socióloga Ângela Alonso em seu livro *Flores, votos e Balas o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)* (2015) tem como tese de que o movimento abolicionista se constitui de um movimento social. Ademais, a autora analisa o movimento abolicionista pelas iniciativas que se constituíram de

[...] estratégias e arenas conforme a conjuntura política e em atrito com iniciativas de governos e escravistas, operando sucessivamente com flores (no espaço público), votos (na esfera político-institucional) e balas (na clandestinidade), num jogo de ação e reação de duas décadas (1868-88). (ALONSO, 2015, p.19)

---

<sup>10</sup> O movimento abolicionista foi constituído a partir de rede no atlântico negro. Em seu prefácio à edição brasileira de o Atlântico Negro Paul Gilroy nos faz lembrar que Joaquim Nabuco escreveu o Abolicionista quando estava exilado em Londres (GILROY, 2002 p. 12). Da mesma forma que Angela Gomes apresenta o “método bumerangue” em que o Abolicionista Abílio Borges utilizará visitando e estabelecendo contatos com sociedades abolicionistas de vários países, e depois Joaquim Nabuco estabelecerá relações mais concretas com sociedades abolicionistas de Espanha, Cuba, Portugal, Inglaterra, França e Estados Unidos.

Assim, intelectuais, políticos, médicos, jornalistas, advogados, juízes, padres, escravos, poetas, estudantes, artistas, comerciantes, engenheiros, poetas, mulheres, irão se organizar em sociedades anônimas ou abertas, para lutar contra a escravidão em um contexto de debates entre escravocratas e abolicionistas,

Como em toda parte, os homens achavam-se divididos. Havia republicanos escravistas e abolicionistas, conservadores abolicionistas e escravistas, liberais favoráveis a abolição com indenização, ou contrário a qualquer alteração da ordem, e até mesmo os que propugnavam a abolição imediata sem qualquer indenização. (COSTA, 2010, p.424)

Como acima abordou a autora, as ideias abolicionistas e dos escravocratas eram plurais, eles eram de diferentes extratos sociais, exerciam diferentes profissões e constituíam uma “Teia complexa”. O abolicionismo mal cabe nas caixinhas elitistas e popular. Cresceu justamente porque se expandiu para além de um único extrato social.” Alonso (2015)

Nesse contexto, a imprensa constituiu um espaço de divulgação da crueldade da escravidão e foi palco do debate dos abolicionistas, pois suas ações estiveram inseridas com frequência nos periódicos. Dentro desse tipo de imprensa fizeram parte, dramas, romances, novelas e folhetins, todos com ideais antiescravagistas. Por outro lado, também havia os escravagistas que utilizaram esses mesmos meios para justificar sua defesa da escravidão. Os negros e negras usaram inúmeras ações para conseguir mobilidade social, resistirem à exclusão, questionarem a discriminação e, por fim, serem integrados socialmente. É a partir da produção escrita dos jornalistas negros que o grupo pode lutar por melhorias, para denunciar a discriminação, para “educar” “homens e mulheres de cor”, no contexto da escravidão e do pós-abolição.

Com a extinção da escravidão o estado e a sociedade brasileira não garantiram melhorias para a integração dos ex-escravizados. Já no contexto dos pós 13 de maio de 1888, havia ocorrido abolição, mas “Alcançado o ato emancipador, abandonou-se a população de ex-escravos à sua própria sorte” (COSTA, 2010, p.497). Assim o movimento abolicionista acaba na data da extinção do sistema, mas não na busca pela integração dos libertos.

Por outro lado, a escrita a partir dos “homens de cor” já era presente desde do início do século XIX quando foi criado o primeiro jornal da imprensa negra no Brasil. O Homem de cor de 1833. Ademais, muitos negros eram jornalistas e abolicionistas e fizeram o uso da “pena e da tinta negra” para escrever em defesa dos “homens de cor”. Os jornalistas e escritores negros mais conhecidos do contexto da escravidão e

da abolição foram Luís Gama, José do Patrocínio, Machado de Assis, José Ferreira de Araújo, André Rebouças, Manuel Quirino, Pinto (2006).

Será que a “Campanha abolicionista” fora referência importante para a geração dos negros do pós-emancipação? Como veremos a seguir, os abolicionistas, atores da emancipação serão bastante mencionados no semanário *Getulino*. Como já vimos no capítulo anterior, foi o semanário *Getulino*, de Campinas- SP, que serviu de registro para a propagação desse pensamento, através do destaque dos feitos da “campanha abolicionista” e da comunidade negra naquela cidade. Uma campanha, já fora de seu contexto e momento, mas ainda necessária como discussão naquele contexto social.

## 2.2 Quem é o grande protagonista do *Getulino*?

Em 21 de junho de 1830, na cidade de Salvador, nasce o futuro *Getulino*, não o jornal, mas o seu grande exemplo de representação, Luís da Gama Pinto. Filho de Luísa Mahín, africana livre que teve participação nas revoltas escravas que sacudiram a Bahia nas décadas de 1830, Gama nasce no contexto influenciado pelas ideias de liberdade. Seu pai, um fidalgo português de família tradicional de Salvador o vendeu com a idade de 10 anos para pagar dívida de jogos, portanto, nasce livre, mas depois seria escravizado Alonso (2015).

Em 1840, com 10 anos de idade foi transferido no contexto do tráfico interprovincial para a cidade do Rio de Janeiro, passando por Campinas e por fim chegando e se estabelecendo em São Paulo. Exercendo a função de escravo doméstico, Gama aprendeu a ofícios da casa como lavar, engomar e ao de sapateiro.

De acordo com Elciene Azevedo (1999), o primeiro contato que Gama teve com a escrita foi aos 17 anos a partir de um hospede do seu senhor, que fora para Campinas estudar. Este, que era estudante de direito, ensinou-lhe a ler e a escrever, e ao tomar conhecimento da lei de 7 de novembro de 1831, que exigia sua liberdade por se tratar um homem livre que foi escravizado Alonso (2015)

Azevedo (1999) afirma não saber como que Gama conquista a liberdade, mas com 18 anos se constituía um homem livre. Passando a ganhar a vida como praça da Força Pública de São Paulo, aprendendo o ofício de copista e trabalhando de amanuense, sendo nesses espaços que constituiu amizades com homens do poder público.

Em 1852 Luís Gama publica suas trovas burlescas do *Getulino*, o único livro que escreve. No entanto, teve uma grande atuação como jornalista na cidade de São Paulo desde os anos 1860 até sua morte, esse contexto não o impediu de exercer suas atividades como rábula e defensor da causa abolicionista. Mesmo sem título de direito pela faculdade teve uma atuação muito importante nos tribunais da província de São Paulo, seu título em Bacharel em Direito somente lhe foi concedido pela OAB de São Paulo no ano de 2015, ou seja, 133 anos depois da sua morte<sup>11</sup>.

No dia 24 de agosto de 1882 faleceu Luís Gama. Seu funeral parou a cidade de São Paulo, e foi lembrado: “Luís Gama seguiria vivo entre os abolicionistas como a cristalização do “heroísmo inimitável”. Peça decisiva na consolidação de um movimento social: o líder que morreu lutando” (ALONSO, 2015, p.185).

Luís Gama foi, e é, um dos brasileiros mais ilustres da história do Brasil, mesmo ainda hoje não recebendo um maior prestígio que merece, mas teve seu reconhecimento nas páginas do *Getulino*. Como é representado em uma “galeria dos homens ilustres” com seguintes dizeres: “Luis Gonzaga Pinto da Gama, um dos maiores jornalistas que muito se bateu para livrar sua pátria da mancha negra da escravidão, tirando as algemas que martirizavam os seus irmãos, reerguendo lhe a moral e tornando-os uteis à Pátria e a humanidade. No *Getulino* aparecem muitos ícones de destaques, mas Luis Gama se torna um protagonista fundamental para o semanário.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://cutt.ly/5gQlzQq>>.



LUIZ GONZAGA PINTO DA GAMA, um dos maiores jornalistas que muito se bateu para livrar sua Pátria da mancha negra da escravidão, tirando as algemas que martirizavam os seus irmãos, resurgendo-lhe o moral e tornando-os úteis à Pátria e à humanidade.

Figura 3 – Luis Gonzaga Pinto da Gama

Fonte: BNDigital.

Luís Gama está presente em vários momentos no *Getulino*. É recordado desde seu nascimento, em imagens, sua atuação, sua juventude e até no aniversário de sua morte:

A 23 de agosto passou o 41 aniversário do passamento do lendário Paladino da abolição que em vida se chamou Luiz Gonzaga Pinto da Gama”,

... Passou ontem os 42 aniversários passamento em S. Paulo, Luiz Gonzaga da Pinto Gama, o paladino das grandes causas que remudaram para o crescente progresso do Brasil.”

Um dos textos, intitulado “Honra a Luiz Gama”, é uma referência ao cotidiano de São Paulo, ou seja, é um relato de que Luiz Gama seria homenageado com um monumento no Largo do Jardim. Mas, o que é representado é a sua figura como “um

dos mais extremados defensores da abolição e da implantação da República”, “outras figuras abolicionistas do século XIX, intemerato paladino das liberdades populares, Luiz Gama, em companhia de Patrocínio, Antônio Bento, Glycerio, Campos Salles”.

E até mesmo uma agremiação em Campinas tinha por nome de Luís Gama: “O G. Dramático “Luís Gama”. Essa agremiação que “muito tem elevado Campinas nas cidades no Estado”, realizava bailes e apresentações artísticas:

N. B. A. a diretoria **do G. D. Luis Gama**, resolveu suspender a representação da comedia em 3 atos de Laly – TARDES DE PRIMAVERA para que mais fundo cale nossa alma as palavras cálidas do sr. Prof. J. L. Mesquita. Outrora sim alguns amadores do Luis Gama e colaboradores do Getulino gentilmente forma a segunda parte. Findo o espetáculo a diretoria oferecerá EXCLUSIVAMENTE as exmas. Famílias um baile com concursos de um ótimo Jazz do Maestro Amaral. (O GETULINO, 1923, p. 2 – Grifo nosso)

Luís Gama, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Ruy Barbosa, Castro Alves, Antônio Bento, Carlos Gomes, e outros abolicionistas são signos presente no *Getulino* a representação desses ícones são de forma intencional. É manifesta através da linguagem, ou seja, no caso analisado, o jornal é uma linguagem que apresenta inúmeros signos que são significados. Isto é, Luís Gama foi uma figura conhecida no Brasil e principalmente na região de São Paulo. Então os redatores recorrem a sua imagem para que o *Getulino* seja reconhecido como símbolo recorrente no abolicionismo.

Os ícones abolicionistas estão presentes no jornal como uma forma de agradecimento pelos seus atos para finalizar a escravidão. Os produtores querem que os “homens de cor” conheçam e reconheçam os feitos dos abolicionistas, como podemos encontrar em uma coluna na edição nº 21 onde um colaborador, Cristovam Junior, apresenta o exibicionista “Abílio Álvaro Miller Especial para o Getulino”. Nessa edição, o autor do artigo fala que,

A sua ação abolicionista foi a da mais ardorosa que se pode imaginar. Possuindo um largo campo de conhecimentos gerais afrontava aos contraditores com uma abundancia de argumentos, tirando ilações a filosóficas da época. [...] **O papel que faz com Abílio Álvaro Miller se torne simpático dos homens de cor**, do Brasil, é ter sido ele, quem a frente da massa colossal, trazia o decreto que ia sujeitar-se à sanção da Princesa Regente, ele o escolhido, ele dentre milhares e milhares de pessoas. (O GETULINO, 1924, p. 2 – Grifo nosso)

Acima, é possível perceber que o *Getulino* tem muito apreço a ícones como Abílio Álvaro Miller, pois, este, estava involucrado com o ato abolicionista. Assim, o

*Getulino* destaca um reconhecimento para si, para que os “homens de cor” saibam de seus feitos.

O mesmo acontece em uma coluna intitulada “Perfis”, que aparece a partir do nº 27, assinado por Juvêncio Só, estará presente em várias edições sempre com a assinatura do mesmo autor. Os perfis apresentados sempre são de “homens ilustres”, “vultos políticos”, “abolicionista” que tiveram destaques na política, na constituição da República, na administração, ou que tiveram atos abolicionistas e que tinha vivido ou passado por Campinas com funções ilustres. Como podemos encontrar no “Perfil I” que biografava a vida de Pedro de Magalhães, “defensor das ideias republicanas”. O *Getulino* mais uma vez destaca a participação dos atos abolicionistas e quer

[...] **rememorar os seus inolvidáveis serviços à causa da abolição de escravatura. E um vulto que se impõe à gratidão dos homens pretos. Neste rápido “perfil” só quero lembrar aos cidadãos de hoje, aos nossos irmãos** perante Deus e sob a nossa gloriosa e invicta bandeira, que os serviços prestados a causa da abolição por Pedro de Magalhães, os seus atos de benemerência para com os escravos de outrora, ascendentes dos homens de cor desta geração, obrigam estes a homenagear esses homens, por todos os títulos, beneméritos. (O GETULINO, 1924, p. 2 – Grifo nosso)

Da mesma forma, os perfis seguintes lembrarão os feitos desses ícones e prestarão homenagens, agradecerão e apresentarão aos “homens de cor”. No “perfil II Major Sarmiento”, será

[...] outro valoroso abolicionista, destemido propagandista da república [...] Hoje, quando ele, em sua aprazível e honrada vivenda alheia às lutas da política bastarda, vai recebendo o conforto santo do carinho da sua prole, **deve o “Getulino” interpretar o sentir dos descendentes dos escravos de ontem, reviver esse nome**, aliás, imortalizado em Campinas. (O GETULINO, 1924, p. 2 – Grifo nosso)

No “Perfil III Álvaro Ribeiro” não é informado se ele teve participação no movimento abolicionista, mas era “um dos vultos políticos que na fase da República mais se impôs à benemerência pública em Campinas”. Contudo, o *Getulino* queria apresentar os seus feitos, e homenageá-los pelo seu aniversário: “Viu Álvaro Ribeiro transcorrer o seu natalício domingo passando, recebendo efusiva e numerosas felicitações, as quase tardiamente embora, junta o “Getulino” as suas”. Já no “Perfil IV” será a vez de “Doutor Costinha”, que “surge a república e seus bons serviços”, o *Getulino* não faz referência como o “Doutor Costinha” participou do ato abolicionista, mas afirma que “Os homens de cor precisavam se lembrar que o “Doutor Costinha”

foi um dos apóstolos da abolição da escravidão”, ou seja, ele esteve presente na assinatura da lei áurea no 13 de maio.

A partir das constantes menções já abordadas, os textos nos remetem a Stuart Hall quando apresenta o conceito de representação a partir de três tipos linguagens:

1. Reflexiva – No mundo há significados que se manifestam através da linguagem. Ou, a linguagem atua por meio da verdade que já está manifesta no mundo.
2. Intencional – manifestação através da linguagem aquilo que o autor, falante, músico ou pintor quer dizer. Ou seja, a intenção manifesta através da linguagem.
3. Construtivista – o significado construído na linguagem e por meio dela. (HALL, 2008, p.)

Desta forma, não é somente Luís Gama que aparece como um signo abolicionista, os atos e os fatos que estabelecem o abolicionismo, as leis que antecederam e que finalizaram o processo também estão presentes e assim são representados.

### **2.3 Campanha abolicionista no *Getulino***

A imprensa foi uns dos meios que os abolicionistas utilizaram para divulgação de seus projetos emancipacionistas. Muitos abolicionistas mesmo depois de mortos foram imortalizados em suas páginas no contexto da “Campanha Abolicionista” como foi no caso do Abolicionista Luís Gama e Castro Alves. E no *Getulino*, um jornal que está na pós-campanha abolicionista, dar continuidade representando os feitos dos abolicionistas, as datas significativas, e os seus ícones fora fundamental.

Na edição número 9, de 23 de setembro de 1923, em uma coluna com um texto assinado por Cristovam A. Junior, com o título “Um Abolicionista”, traz José de Bonifácio como autor do “o primeiro projeto de emancipação, morto pelo ato descabido das ganancias do primeiro imperador”, e que “propunha-se de dar a liberdade ao grande número de escravos”.

Aquele 23 de setembro de 1923 completava-se o primeiro centenário dos acontecimentos que envolveram a trajetória de José de Bonifácio no parlamento brasileiro, e estava para completar o aniversário da lei do Ventre livre no 28 de setembro, assim, Cristovam Junior busca encerrar o seu artigo prestando homenagem a José de Bonifácio:

A 28 vamos comemorar o aniversário da chamada da lei do ventre livre, e rememorando os acontecimentos de cem anos só temos de render homenagem a José Bonifácio tão atacado pelos chamados historiadores modernos. **Na galeria dos abolicionistas deve também figurar este fator importante da independência.** (O GETULINO, 1923, p. 1 – Grifo nosso)

Nesse artigo Cristovam Junior, recorda os feitos de José Bonifácio como o primeiro a ter um projeto abolicionista, e como um homem “importante da independência”. Nesse sentido, o autor da coluna também enfatiza a participação de Bonifácio na independência, e que deveria aparecer na “galeria dos abolicionistas”. De acordo com Emília Viotti da Costa (2010), Joaquim Bonifácio foi um dos primeiros a elaborar propostas de emancipação da escravidão no Brasil no contexto da independência, assim, escrevendo um projeto que abolia a escravidão gradualmente.

No *Getulino* está presente uma lembrança de ícones abolicionistas. E é na “Galeria dos bens feitos”, ou “Galeria dos abolicionistas” que eles também são bastante mencionados. A primeira referência desse é representado por Ruí Barbosa, com um “retrato” no centro da página e um texto em baixo descrevendo como sendo,

O Benemérito brasileiro, o maior vulto de sua época, não obstante pairar, qual águia altaneira, acima das misérias da terra, ouviu, entretanto, **os gemidos dos que choravam pela liberdade, e, compadecido de sua dor formou fileira ao lado dos abolicionistas, sem temer que tal atitude lhe aviessem prejuízos políticos.** Foi destemido abolicionista, foi defensor dos oprimidos. E justa, pois, justíssima a pálida homenagem que lhe tributamos hoje. (O GETULINO, 1923,p. 2 – Grifo nosso)

Nessa passagem, o *Getulino* representa Ruy Barbosa com vários atributos que demonstra que os ícones abolicionistas como que se comove pelos escravos, ou “Ouvia, entretanto, os gemidos dos que choravam ela liberdade”. Esse tipo de atributos vai aparecer em outros abolicionistas, como o abolicionista Castro Alves que

De um espírito altamente abolicionista, Castro Alves pugnou sempre pela libertação dos escravos. Em carta dirigida em 1871 às senhoras baianas ele pediu o auxílio do sexo franco, em favor da redenção d’esses mistérios párias, que há quase três séculos sofriam os horrores da escravidão. (O GETULINO, 1923, p. 2)

Esse fragmento encontramos no editorial da edição nº 9 com o título “Castro Alves” com a assinatura de “Garcia Pacheco Junior”, e o aborda como, “o inspirado e fulgurante poeta das espumas flutuantes, foi um dos gênios mais primorosos que tem produzido o Brasil n’este século XIX”. A partir desse pressuposto o artigo resume a vida de Castro Alves a partir de sua atuação como abolicionista. Mais uma vez o *Getulino* representa um abolicionista que se tornou ícone do abolicionismo.

Além do *Getulino* representar com frequência os vultos abolicionistas que tiveram destaque na história da abolição também fazem referência as leis que as - antecederam. Como encontramos na edição nº 10, e do dia 30 de setembro de 1923 que tem um editorial que se chama “Campanha Abolicionista Euzébio de Queiroz que lhe deve a pátria como estadista emérito” por Lacerda Wernek, fazendo referência a lei que abolia o tráfico a chamada Lei Euzébio de Queiroz de 1851, e assim, era ela, “Um das leis que mais contribuíram para a extinção do elemento servil, foi incontestavelmente, a que aboliu o tráfico dos africanos”, também a lei “381 de 4 de setembro de 1885, mas além da importância da lei que cessa o tráfico, o editorial exalta a figura de Euzébio de Queiroz como “figura proeminente” e “grande político”. Mas também, Euzébio Queiroz é representado como um grande abolicionista, como os outros que tinha uma vocação, assim, “De quanto se leu, deduz-se que nenhum abolicionista excedem Euzébio de Queiroz no seu sentimento humanitário, como nenhum estadista encarou com maior vidência, o problema da extinção do cancro negro”.

As referências a esse passado que remonta as ações que levaram o fim da escravidão era algo presente no cotidiano do *Getulino*. Em vários momentos percebemos que o *Getulino* fala da passa- do enquanto acontecimento, e também do presente que se comemora a esse passado. Pois, o mês de setembro celebrava as datas que remontavam as leis pré-abolicionistas, como a lei do ventre livre aprovada no dia 28 de setembro de 1871, a Euzébio de Queiroz que foi aprovada dia 4 de setembro de 1851, a do sexagenário foi promulgada no dia 28 de setembro de 1885. Como podemos ver no mesmo editorial que as rememoram: “A lei dos “Sexagenários”, como a do “Ventre Livre”, que, ante ontem, se comemorou, são simples corolários da que extinguiu o comercio da carne humana, pois não se pode dominar a impetuosidade do mar, com frágeis diques”.

Na edição de nº16 encontramos uma coluna com um texto “Extinção do tráfico” comemorando a lei de 7 de novembro de 1831 que proibia o tráfico,

Desapercebido passou no dia 7 do corrente os 92 aniversários da lei assinada em 1831, declarando livres todos os escravos que entrassem no território ou portos do Brasil, vindos de País estrangeiro, e estabelecendo penas para os que transportassem, introduzissem, recebessem ou comprassem escravos os indivíduos assim declarados livres. (O GETULINO, 1923. P.1)

A lei que abolia o tráfico rememorada nesse dia que completaria os seus “92 aniversários”, foi uma lei que tornava ilegal os escravizados que chegassem a partir

de 1831. Esta que, de acordo com Alonso (2015) foi utilizada como estratégia judicial dos abolicionistas. Ainda assim, a lei que a antecede a de 1831, a lei de 1826 que foi assinada em 23 de novembro, o tratado entre Brasil e Inglaterra, em que esta reconhece a independência do Brasil, também é representada no *Getulino*, e é mencionada: “Em 23 de Novembro de 1826, foi assinado a convenção entre o Brasil e a Grã- Bretanha, declarando que, três anos depois da troca das ratificações (foram trocadas a 13 de Março de 1827) ficaria proibidos aos brasileiros o comercio de escravos na costa da África.”

Mesmo que não apareça nenhuma referência a atos para comemorar essas datas, elas são bastantes citadas, como efemérides. Ainda na edição nº 10, no centro da primeira página aparece uma fotografia de visconde do Rio Branco e um texto abaixo que apresentam seus aspectos abolicionistas, como “um fiel missionário do bem. Abolicionista de coração fez-se advogado ardoroso da grande causa pela qual lutou até ver decretada a benemérita lei nº 2040 de 28-9-1871, que tornou livre os brasileiros filhos de escravos.” Sendo assim, a representação a esse passado de ícones abolicionistas está sempre sendo rememorado. Na mesma edição nos deparamos como uma coluna com o título “Honra a Luís Gama”, sendo uma notícia da construção de um monumento a Luís Gama no largo da concórdia em,

S. Paulo, a capital artística, que sempre tem sido uma das cidades mais reconhecidas do Brasil, por obra de abnegados cidadãos, breve terá ocasião resgatar uma dívida de gratidão e reconhecimento para com um dos mais extremados defensores da abolição e da implantação da Republica, em nosso país. (O GETULINO, 1925, P. 2)

A edição de nº14 prossegue com a retratação desse passado presente que rememora os feitos de setembro. O Editorial, aparece com o título “A vocação libertadora de Joaquim Nabuco” assinado por Evaristo de Moraes, era, então para o editorial, que inicia relatando, que havia comemorado no “jornal do Brasil, nas suas edições de 19 de setembro, a data aniversário de Joaquim Nabuco”.

Assim, o editorial busca a apresentar para seus leitores uma biografia de Joaquim Nabuco para falar da “vocação abolicionista daquele espirito”, para isso, o editorial inicia trajetória Nabuco a partir de sua infância para referir tal vocação, assim, buscando nas próprias palavras do biografado, recorrendo um trecho de seu livro *Abolicionismo* para recordar tal cena:

Eu estava, uma tarde, sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, cerca de 18 anos, o qual se abraça a meus pés, suplicando me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha, para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava e ele tinha fugido com o risco de vida. Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente. (O GETULINO, 1926, p. 2)

O trecho retirado das memórias de Nabuco em Abolicionista, apresenta um ato que ocorreu na sua infância, em que um jovem negro lhe abraçou aos seus pés suplicando-o para que a madrinha lhe comprasse para o servir, pois o senhor o castigava. A partir dessa recordação de Nabuco, o editorial o apresenta como que já tinha essa “vocação” desde a infância. Fazendo um recorrido pela formação que “Joaquim Nabuco teve de enfrentar a tremenda da instituição” quando era acadêmico, que “antes de entrar para o grande cenário político” em uma festa teria discursado que “A grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão”, o editorial prossegue perguntando como foi a entrada de Nabuco na cena política: “como penetrou Nabuco no Parlamento, firmando decisivamente **a sua vocação redentora?**”

A partir desse questionamento que o editorial passou a representar a atuação de Joaquim Nabuco no cenário político, falando de sua tutoria a partir da morte seu pai, sendo deixado sob os cuidados do “prestigioso chefe liberal pernambucano Domingos de Sousa Leão”, colocando Nabuco no partido. Mas, que, “Foi num meio parlamentar onde avultaram essas capacidades que Joaquim Nabuco, secundando a profissão de fé abolicionista de Jerônimo Sodré Pereira, deputado pela Bahia, começou a sua glorificação, batendo-se pelos míseros escravos”. Assim, o editorial é encerrado relatando a atuação de Nabuco no 13 de maio, que, “E quisera a justiça do acaso, talvez a mais segura das justiças, que fosse dado a Nabuco, no dia 13 de Maio, comunicar ao povo, de uma das janelas do Paço da Cidade, que já não havia escravos no Brasil.”

A princesa Isabel não tivera uma atuação no movimento abolicionista, mas levou-lhe o protagonismo por assinar a lei áurea no dia 13 de maio de 1888. E nas páginas do *Getulino* ela figura “na galeria dos bemfeitores da humanidade” com um retrato de perfil, e o *Getulino* a mencionar pelos acontecimentos do 28 de setembro de 1923 o aniversário da lei do ventre livre, “Isabel, a Redentora é bem a encarnação do amor ao próximo, é o anjo protetor da raça negra, a quem ela num gesto de

bondade concedeu a liberdade relativa em 28 do andante dando a depois a pela integral em 13 de maio de 1888". (O GETULINO, 1927)

Até a morte da “Princesa redentora” é mencionada, pois o *Getulino* apresenta o aniversário de seu falecimento. Tendo morrido em 14 de maio de 1921, seu passamento ainda era lembrado na edição nº17, onde se completava o segundo ano de seu falecimento. Em uma coluna na segunda parte com o título “Triste data” que noticiou uma celebração, realizada, “no Rio, às 10 horas, foi celebrada na Igreja da Santa Cruz dos militares, missa para o descanso da alma da **venerada mãe dos pretos brasileiros**”. Ademais, a notícia relata que foi “inaugurado uma placa de bronze.”

Na edição seguinte nº 18 o editorial do *Getulino* é dedicado inteiramente a “Isabel, A redentora”, assim recordando que “Comemorou-se no dia 14 corrente, o segundo aniversário do falecimento S.A. a princesa Isabel. S. A. Imperial nasceu no Palácio de S. Cristóvão no dia 29 de julho de 1846 e faleceu no Castelo d’Eu a 14 de Novembro de 1921, depois de receber todos os sacramentos da igreja. ”, o editorial, noticiando o segundo aniversário da morte da princesa Izabel apresenta como foi a repercussão dessa comemoração no Brasil e sempre afirmando suas qualidades como “a Augusta princesa”, grande princesa adorada pelo mundo inteiro”, “A catolicidade de sua vida e o juízo de piedade”, e recordando seus feitos ao lado de seu marido o Conde D’Eu, até seu afastamento com os feitos do 15 de novembro, mas também, a princesa que sempre é representada pelos seus feitos do dia 13 de maio, é recordada nesse editorial, assim, recordando esse dia, o editorial é encerrado com as seguintes palavras:

[...] narra o Visconde de Taunay, ao passar pela última sala do Paço Imperial, bateu com energia na mesa em que firmara a luminosa lei de 13 de maio e exclamou: “Se tudo quanto acontece provém do decreto que assinei, não me arrependo um só momento. Ainda hoje assinaria”. (O GETULINO, 1924, p.. 2)

Como já podemos observar, os abolicionistas são mencionados com regularidade, e estão presentes nas páginas do *Getulino*. Como que esse jornal quer representar quando passa a falar do abolicionista| abolicionismo? A representação que Stuart Hall apresenta

Em parte, nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigma de interpretação que levamos a eles. em parte, damos sentido as coisas pelo modo como a utilizamos ou as entregamos em práticas

cotidianas. (...) Em outra parte ainda, nós concedemos sentidos as coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para usar a elas, a história que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos, e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos. (HALL, 2015, p.21)

Da mesma forma, se a “Campanha do abolicionismo” é constantemente mencionada nas paginadas do *Getulino* como é representada o 13 de maio de 1888, a data oficial que é instituído a finalização da escravidão no Brasil? O 13 de maio é o grande dia que até hoje é mencionado e a data de comemoração da abolição do cativeiro. Se hoje ainda é mencionado como dia que libertou os escravos, no contexto dos recentes pós 13 de maio não foi diferente. No *Getulino* a data aparece em vários momentos do jornal. Mas, é na edição nº 41, a edição de 13 de maio de 1924 (Data do aniversário da abolição), ganha uma edição especialmente dedicada ao dia, que também, que foi glorificado:

Levantamos um hino de saudação e louvor à memória daqueles ainda vivem um sincero preto de homenagem e gratidão.

Salve! Data Gloriosa! Salve! 13 de maio!30 (O GETULINO, 1924, p. 2)

Nessa edição, são apresentados vários personagens que representa o 13 de maio e o abolicionismo, com perfis ou fotografias de: Princesa Isabel, Visconde do Rio Branco, Francisco Glycerio, Ruy Barbosa, Luiz Gonzaga, Joaquim Sarmiento.

## 2.4 As imagens do *Getulino* e a “Galeria dos Benfeitores”

Nas páginas do *Getulino* é possível perceber que há inúmeros imagens “Retratos”. As poucas fotografias que estão presentes no jornal são de perfil dos produtores ou de algum familiar próximo, as que não são de perfis, são de eventos como o do concurso de beleza, paisagens ou de anúncios como a “Casa diLascio”, patrocinador que está presente em todas as edições. As únicas e poucas fotografias que não são de perfis são de crianças e de mulheres. Além disso, aparecem fotografias que representam os “benfeitores”, ou seja, a maior parte são de personalidades abolicionistas ou que de alguma maneira tiveram participação na luta contra a escravidão. Como podemos observar essas fotografias sempre estarão localizadas no centro da primeira página e acompanhado com uma pequena legenda do nome da personalidade, e acompanhada de texto contado a biografia e os feitos

dos “benfeitores”, mas em algumas edições há variações localizando nas laterais e até mesmo com mais de uma fotografia.

Na Campinas do princípio do século XX, o aparecimento de diferentes grupos sociais é uma frequência, advindos da formação da cidade, mas também da diferente participação política, econômica e cultural, que buscam a visibilidade frente a organização de poderes locais. Ao longo desse período, o tecido social das cidades é reflexo de diferentes atividades econômicas, de grupos considerados subalternos, e grupo hegemônicos, que disputam um lugar ao sol, mas que em consequência, buscam reconhecimento nesse novo lugar. Assim, podem ser consideradas as páginas do jornal *Getulino*, que mostra esses descendentes de escravos, auto afirmados dentro da questão dos pós abolição e que reivindicam, sobretudo, pertencimento social.

Há, nessa busca por visibilidade e reconhecimento, uma discussão maior que se encontra na base da estrutura da sociedade, que é a de espaço e poder. De uma forma geral, percebemos o quanto é importante para o jornal da ilustração da vida e dos feitos dos sujeitos destacados, sobretudo nas personalidades mencionadas em homenagem nas primeiras páginas. Percebemos que esta prática acaba sendo uma estratégia político social. A circulação do jornal pode ser um dos fatores que justificam a permanência do destaque de sujeitos de sucesso da comunidade negra na cidade, entretanto, mais do que isso, as condições de produção dessas notícias nos informam que a frequência com que os homens e mulheres dessa comunidade são destacados, funcionam como a reafirmação da identidade negra como justa, correta, trabalhadora e merecedora da nacionalidade brasileira.

A análise dessas imagens nos remete a aplicação de conceito de representação. Na introdução do seu livro o historiador da cultura Roger Chartier apresenta o termo Representação como uma ferramenta analítica. Assim, questionando os pressupostos dos paradigmas que moveram a história dos anos 60 e 70. É nos anos 80 que Chartier está escrevendo, então apresenta o conceito de “Representação” passando a ser uma categoria usual por nós historiadores.

Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pela disposição estáveis e partilhadas, próprias dos grupos. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço a ser decifrado. As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinado pelo interesse de grupo que as forjam. Daí, para cada

caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p.17)

Desta forma, para Chartier (1990) “As representações”, “São determinados pelos interesses de grupo que as forjam”. Então para que o *Getulino* buscava representar narrativas referentes a escravidão e abolição? Quais são seus interesses em narrar acontecimentos da história do Brasil com elementos do escravo africano? Todos esses questionamentos são levantados a partir da leitura do *Getulino*.

Conforme já afirmamos, o *Getulino* é um jornal que está em um contexto do pós-13 de maio. Havia se passado apenas três décadas da data que decretou o fim da escravidão no Brasil, era a década de 20, então era um jornal dos “filhos e netos dos escravos”. Sendo que a história é feita de processos e transformações podem ser lentas. A abolição oficial foi decretada em 1888, no entanto as relações de dominação e as hierarquias raciais permaneceram na sociedade brasileira, assim que, a história do pós-emancipação aparece nas suas páginas.

A partir que avançamos nas leituras do *Getulino* identificamos que a escravidão, o escravo, a abolição, os abolicionistas e “campanha abolicionistas” eram temas recorrentes em suas publicações. Em algumas edições aparecem fotografias de figuras da história da República e da Abolição, portanto, o *Getulino* estava forjando representações de um processo significativo para seus leitores. Porque os temas referentes ao sistema escravagista eram frequentes no *Getulino*? Porque o *Getulino* faz referências com frequência aos abolicionistas? Porque os “ícones” são representados inúmeras vezes por imagens?

Conforme afirmamos, os produtores do *Getulino* queriam que os “homens de cor” conhecesse a história dos benfeitores da abolição, além de publicar pequenas biografias desses atores, o *Getulino* também recorre a representação destes a partir da imagem para que seus leitores o conheçam.

Na edição de nº2 do dia 23 de agosto de 1923, no centro da primeira página apresenta uma fotografia de Ruy Barbosa com uma mensagem exaltando como “destemido abolicionista e defensor dos oprimidos”, também em outras edições aparecerão outras figuras homenageadas como do a Rio Branco “o Abolicionista [...] Pro dromo da abolição da nossa raça”; A princesa Isabel, “a generosa princesa”. Desta forma, o “*Getulino*” fazia referência a diferentes abolicionistas, sempre apresentando atributos positivos para aqueles que lutaram contra a escravidão e recebem

homenagem na “galeria dos benfeitores”. Abaixo apresentamos imagens de alguns abolicionistas:



Figura 4 – Ruy Barbosa



Figura 5 – Carlos Gomes



Figura 6 – Visconde do Rio Branco



O GENERAL FRANCISCO GLYCERIO, dos ultimos annos

Figura 7 – Francisco Glicério



Figura 8 – Major Antônio Sarmento



Francisco Glycerio, quando em 1879 iniciou a propaganda da Abolição.

Figura 9 – Francisco Glycerio



Figura 10 – Patrocínio



Figura 11 – Antônio Bento



Figura 12 – Princesa Izabel

Acima reproduzimos algumas fotografias de agentes abolicionistas mais conhecidos no contexto nacional. As fotografias sempre são as mesmas e aparecem em várias edições. A imagem mais recorrente é a de Luís Gama, cinco vezes, em segundo lugar a de princesa Isabel, quatro vezes. O único personagem que tem diferentes fotografias é Francisco Glycerio, que é retratado quando jovem e nos “seus últimos dias”. Outro ponto a destacar, algo que já comentamos, é que sempre as fotografias estão acompanhadas com um texto que remonta a biografia do representado.

Já abordamos que em vários momentos o tema abolicionista ou abolicionismo e até mesmo a escravidão, é central no jornal. No editorial de 12 de agosto de 1923 assinado por Evaristo de Moraes tinha por título “O papel do escravo na civilização brasileira”. Neste sentido, o autor busca reforçar a “contribuição do escravo no progresso do Brasil”. Para isso recorre a vários pensadores de fins de século XIX e início de XX que afirmaram tal preposições.

Nesse editorial é possível extrair a representação da escravidão e dos abolicionistas. Quanto a escravidão, “Foi a escravidão fator irrecusável da nacionalidade brasileira”, os escravizados tiveram um papel importante no Brasil “o papel preponderante, primacial, do negro e de seus descendentes escravos nos progressos”, reforçando que o Brasil, “devia aos da raça negra”. O editorial termina falando dos abolicionistas que reprimiram a escravidão

— Euzébio do Queiroz, promovendo a extinção do tráfico em 1851; Rio Branco, propugnando e conseguindo, em 1871, a libertação ao ventre escravo. Souza Dantas, na sua malograda tentativa de avanço de 1884 e 1885, João Alfredo, na sua realização de 1888, só tiveram mérito, que já é algum, de ouvir os sinais dos tempos, de, na expressão de Buntschli, saber que horas eram, no relógio da civilização brasileira. Ainda bem, Se em 1888, tivesse o estadista (escolhido pela Opinião Pública e aceito pela Princesa Imperial) fechado ouvidos ao bater da hora, não se diria, como se diz, que as revoluções no Brasil se mudam em festas, quando não degeneram em desilusões. (O GETULINO, 1923, p. 2)

Desta forma, Evaristo de Moraes está fazendo uma representação histórica do processo de escravidão, recorrendo a figuras históricas e assim centralizado os feitos da abolição desses personagens. Se por um lado, o editorial representa os escravos/escravidão negra como contribuintes para o desenvolvimento, ou para o

“progresso do Brasil”, por outro, mostra que foram os abolicionistas que contribuíram para a extinção da escravidão.

Sendo assim, na edição seguinte terá um editorial com um título “Joana Angélica e Nicolau: Figuras épicas merecida glorificação”. O editorial narra uma proposta de criação, de levantamento de um arco triunfal em honra dos mártires, heróis e precursores da Independência, homenageando “figuras que lutaram contra a opressão colonial”. Aqui, Nicolau, mesmo sendo escravo, é destacado por suas atitudes que “merecem glorificação”. O escravo Nicolau acompanhou o seu senhor por nome Domingo Vieira em degredo pela África, o senhor de Nicolau fora condenado ao degredo porque participou da Inconfidência Mineira.

Um dos símbolos de “Mártires” da República Brasileira foi o Tiradentes da Inconfidência mineira. Então, o editorial está buscando dizer que os escravos também são mártires e heróis do Brasil e merecem “glorificação”. Desta forma, é uma maneira de representar a participação de um negro em um momento decisivo na história do Brasil. E o escravo Nicolau, aparece como um servo fiel, “para servir seu senhor velho e enfermo, primeiro exemplo de abnegação, sublime sacrifício obscuro, digno, porém da raça, que tamanhas prévias de nobres sentimentos afetivos deu no Brasil”.

# Getulino

Redactor-chefe - LINO GUEDES

ORGAN PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS HOMENS PRETOS

Directores proprietarios: Irmãos Andrade & Moraes

Redactor secretario - GERVASIO DE MORAES

Anno I

Assignaturas (Anno) 108000 (Semestre) 54000

Campinas, 13 de Outubro de 1923

Assignaturas (Numero annuo) 18000 (Numero semestral) 9000

Num.12

## Questionario

Não havíamos prometido ouvir as impressões da vencedora em primeiro lugar do nosso concurso de beleza, procurando supri-las; mas as opiniões em toda a plenitude de sua sinceridade, refere relativamente fácil uma vez que se dá a palefita um tom de boa e leal camaradagem. Inteligencia aguda e clara, tipo de creatura fina e distinta, exprimindo-se com facilidade, acentua o colorido da phrase na enunciação móbil de da physica nemia em que para, por vezes, um sorriso de ironia leve, ou a aza de fidalme lancolito, branhamente toca para a tornar mi-doce e mais bella, se possível, a senão inda Lais de Moa sa, e em extremo gentil, não se farta a quem a procura, nem mesmo, ás perguntas que apresentam a hostilidade, como se ella tivessa culpa de... ser bonita.

Parece que se sente bem em abrir sua alma aos olhos p'curadores dos que têm p'rsua tudo indaga, para tudo revelar. Recebeu nos em transparente satisfação em sua sala de vistas e seu preocupações protocolares, liberta das frias formas da polidez official, estoletismo as suas bem torneadas mãos, que beijamos. Fala a dizer: — Já sei a que v. m. Vio dizer-me que na contagem dos pontos, foi classificada, aliaa merecedora, out a, cujo predicados physicos a isso faziam jus...

— Absolutamente, vimos felicitar-lhe e pedir a fineza de uma entrevista.

— Vocês (tratamento) chic muito em voga no alto mundo carioca, influencia talvez do argentinista, voce Laly, põe a gente em cada situação... que vou dizer?

— Não diga nada, responda somente o que eu perguntar.

— Está bem nas sentenças qui perto de mim, que tenho de terminar essas aplicações... e dactylographas algumas cartas...

— Sim, está certo; que diz do nosso acto?

— De que?

— De Getulino?

— Foi numa hora feliz, que germinou no cerebro de titio, a grandiosa idea de acudir ao appello de "sen Martin", para a criação desse seminario, que num curto lapso de tempo muito tem feito em nosso favor. Palpitou-lhe no coração, naquelle momento o elevado ideal de renimir sobre a vossa competente elicia...

— Não me aprofunda.

— Faça justiça... um punhado de levantadas almas, que pugne pela grandeza da lingua materna, essa mesma lingua que Ruy, com seu

verbo ardente, Nabuco, com sua palavra eloquente, Gonçalves Dias, com seus versos naviosos, e Afinal Bilac, em cujo crebro o lampejava o fogo do patriotismo, sobieram elevar tão alto o nome do Brasil!

— E, não é isso só.

— Sim, também victor fazer um estudo da n sua historia patria descripta p a espadada do soldado". Cada trecho relembra uma victoria, trazendo sempre a ombra palpitante dos vivos a memoria sacrosanta dos nossos antepassados, aquellos que semaram no desampado moin da gloria e regaram com o proprio sangue, a semente da arvore, cujo fructo hoje colhemos.

Por isso Laly, o "Getulino", onde se cantam o sentimento alegria, amor, moçidade e heróico; não p de e não deve debragar ante a mesquinhez da inercia, deixando que desapareçam nas dobras do esquecimento ou



LAIN DE MORAES Vencedora em 1.º lugar do nosso concurso de beleza

— Si estamos labrando em erro em o nso proposito no "Getulino", é nosso intuito fazer bem.

— E já um grande mal não fazer nenhum bem? afirmam S. Francisco de Sales.

— E, como eu sempre achei que se e preciso soffrer, soframso resignado e ativos... A resignação é um meio eficaz de atenuar a magoa.

Nem rir de tudo, nem chorar por qualquer coisa.

Devesse aceitar o mal, achando sempre que podia ser peor; devesse saber perdoar a mal ade alheia, para encontrar o perdão ás proprias iniquidades, se chegarmos a cometer-as um dia.

Não se deve exagerar os factos; precisamos saber medir os pros e os contras das e usas, estabelecer o equilibrio entre a razão e o bom senso, n o exorbitar, conter os a somos naturaes, trazer o espirito alerta contra as surpresas das maldizentes e achar sempre que a vida é

morados, e nem podia tel-o, pois é escasso o tempo que me soba para estar em companhia docil de minha mã, que adoro quanto deve adorar uma filha que bem comprehenda os seus deveres filiaes. Não confio a vós, namorados com amiguinhos, pois amiguinhos tenho, e os tenho bastante...

O baile, apesar de ser a criação soberba e maravilhosa de Terpsycora, não tem a minha sympathia, porque os modernos a accepta da dança não sabem cultivar-n-a como, era mister. Não estranhe vobos ter esta affimativa partido de uma m. ca. Adoro os caprichos da m. da.

— Nem podia ser o contrario.

— Porque?

— Po que em seu corpo de mecnica habita uma alma de boça.

— Parece, mas... continue; a moda é a elegancia; e todos nós devemos dar culto a elegancia, pelo menos assim me ensina o b. m gosto. A cor, a meu entender, bella que agrada a vista é a rosa, todavia, a cor lilas é linda tamb. Dentre as flores, esse reino divino, que tem no firmamento a rosa, a rainha que dirige a seus deslinos, eu vou procurar no cantinho em que vive a violeta em sua simplicidade graciosa para ser o alvo de minha admiração.

— Eu sou da sua mesma opinião.

— Pecebo em suas palavras o intuito de agradecer-me, pois noto que tras sempre na lippella lida: bravo.

Sou frequentadora do Rink, e assidua porque assistindo films artisticos em que trabalho o meu predilecto Buck Jones, ouço os sons agradaveis da orchestra e como voce deve saber idolatro a musica, e dentre os instrumentos o que mais me seduz é o violino.

Tenho lido varios romances e nenhum me agradou tanto como *A Moreninha*, de Maciel, creio que já disse tudo, resta-me portanto agradecer-lhe.

— Quero fazer-lhe mais uma pergunta.

— Com todo o prazer responderei.

— Está contente com o resultado de nosso concurso?

— Apesar de representar uma grande injuria...

— Oh não!

... uma grande injuria; pois não a mim e sim a outra deveria ser conferido o titulo de a mais bella — eu fico satisfeita em ver que houve pessoas que habituadas a bondade quiseram ser-me gentis sufragando o meu nome obscuro. Já é tempo de agradecer vossa gentileza.

Nada tem agradecer... Pois não, que temos de hypothecar-lhe os nossos agradecimentos. Despedimo-nos



ALICE DE CAMPOS Detentora do 2.º lugar do nosso concurso



LUISA DE ANDRADE Conquistadora do 1.º lugar

nas nevas do tempo, os vultos benfiteiros e grandiosos daquelles, que, venendo toda a especie de perigos como delicias, tendo de um lado as difficuldades da epoca, de outro a rigidez do tempo e a má vontade do meio, lutaram pela realisação do mais nobre desideratum, que é a liberdade nesta paz, o orgulho do Novo Mundo e mais justificada conquista que o Cruzeiro protege.

E' necessario, pois, que a moçidade, sustentaculo da Patria, não lhes deixe arrebatado pela frieza dos animos e tenha voce sempre em

que o de slumbra.

Dito isto, elegantemente deixou o seu mister para nos servir salada de fructas que sua maninha trouxera E emquanto, ella collocava umas perlas de g. lo n. tape, nos, mesmo para dar-lhe um b. c. n. g. falamos da nossa a. d. m. t. e. n. a. m. p. n. a. d. i. n. f. e. r. e. n. c. i. a. da maior parte daquelles que nos deveriam ajudar e não atampnar a acção nos a espalhando joia.

— Pelo que vejo, o meu amiguinho, não c. p. l. e. c. e. a. q. u. e. l. l. a. c. e. l. e. b. r. e. p. h. r. a. s. e. d. o. G. e. n. e. r. a. l. D. e. L. a. m. o. r. i. e. r. e. : "Quando estas enlazarado, fazei como eu: invoca o Espirito Santo e confia no seu auxilio". Na verdade, "nas atribuições a alma que se volta para Deus encontra a calma e a serenidade, como a agulha que se eleva por entre as nuvens em tympastado".

vi ta no vesso j. n. a. l. as palavras de Moza: — "Se queres viver desperta e luta!"

Pague, pois, pela grandeza da nossa Patria para que não seja visionario o ideal

um ego aberto e que a morte é uma visto conolador, pois não exclue ninguém e, mais cedo ou mais tarde, todos tem de pagar-lhe o tributo devido.

— E catholica?

— Apostolica e romana. E quem não se n. s. e. n. a. s. e. n. e. n. e. s. t. a. e. p. i. s. c. o. p. a. l. c. i. d. a. d. e. n. e. s. t. a. e. p. a. i. z. q. u. e. t. e. v. e. c. o. m. p. r. i. m. e. i. r. o. s. y. m. b. o. l. o. d. e. c. i. v. i. l. i. z. a. ç. ã. o. a. c. r. u. z. a. a. u. g. u. r. a. e. p. i. e. d. o. s. a. c. r. u. z. q. u. e, q. u. i. z. s. e. u. t. e. a. n. t. e. s. n. o. c. i. n. o. m. e. l. u. c. i. f. e. r. o. s. d. o. C. a. l. v. a. r. i. o, s. i. n. f. i. c. a. t. a. p. e. l. o. d. i. v. i. n. o. s. a. n. g. u. e. d. o. R. e. s. t. e. m. p. t. o. r. c. o. m. u. m. b. a. ç. o. a. p. o. n. t. a. v. a. a. a. u. r. o. r. a. — n. s. e. n. t. e. d. e. g. e. o. s. i. n. f. l. a. v. e. l. e. s. o. u. t. r. o. v. o. l. t. a. n. d. o. p. a. r. a. a. n. i. t. e. — o. m. a. n. t. o. d. o. p. e. r. d. i. d. o. s. o. b. r. e. a. s. i. n. j. u. r. i. a. s. ...



Figura 14 – Registro Movimento Associativo, 1924

Fonte: BNDigital.

## 2. 5 E o pós-emancipação em suas páginas?

A nomeação do semanário é uma escolha simbólica e significativa intencional. A escolha e nomeação do semanário por nome "Getulino" não significa algo aleatório ou inocente. Significa representar um símbolo que já é significativo para os produtores do semanário e para os seus leitores. Como foi possível observar, desde o nome do semanário, os artigos que contam as biografias dos abolicionistas, e as inúmeras

referências a “Campanha abolicionistas” que correspondia uma interpretação da história do Brasil, do processo que extingue a escravidão, que significou a “liberdade física”.

Por outro lado, será o *Getulino* que possibilitará a emancipação completa da raça, tornado “livres intelectualmente e moralmente”. Desta maneira que os abolicionistas do século XIX são referências importante para o *Getulino*, porque representou um momento significado para os negros do início do século XX, já o *Getulino* é a continuação desse processo.

Se é presente a “campanha abolicionista”, nas páginas do *Getulino* é porque é significativo, é interpretado, tem sentido, e, portanto, são representados. O *Getulino*, vai representar o processo do abolicionismo como uma conquista que levou a liberdade física dos escravos, ou seja, foram aqueles que fizeram avançar o evento em si. O presente tema da “campanha abolicionista” é intencional porque para o *Getulino* era um evento recente e que durante o século XIX estava presente nos periódicos da época.

Orgulho-me em ver que existe entre os pretos homens que lutam com denodo para que a classe aceda mais um degrau na escala social, fazendo-a ombrear com as demais os quais trazendo impresso na alma o lema “querer é poder” caminha impávido “com lança em riste couraça a frente”. **A conquista em prol da nossa raça na consecução das iniciativas mais arrojadas no projeto mais altos e nobres, não dependeram de esforço de um só, mais de muitos homens, que trabalharam com afinco, saindo vitorioso em 13 de maio de 1888.** (O GETULINO, 1923, p. 1 – Grifo nosso)

Para o *Getulino* os escravos conseguiram a “liberdade física”, mas estava faltando a “liberdade moral e intelectual”. Para o *Getulino*, então, faltaria a “segunda fase da abolição”, que seria a “liberdade moral e intelectual”, e é isso que o *Getulino* se propõe, tanto seus leitores e jornalistas.

São inúmeras as cartas, ofícios, e telegramas que temos recebidos, e incontáveis referências que tem feito os colegas sobre o nosso aparecimento, e propósito em prol dos cativos de ontem, as quais muitos desvanecem e prazerosamente nos transladamos para aqui, **como um incentivo àqueles que aspiram, não só a emancipação completa da nossa raça, como o progresso do Brasil, para que não nos abandonem na arena de combate.** (O GETULINO, 1923, p. 1 – Grifo nosso)

Se no primeiro momento é a “campanha abolicionista” que possibilitou a “liberdade física” aos escravos. No segundo, o *Getulino* na direção de seus agentes produtores, redatores, jornalistas e colaboradores que iria levar “a emancipação

completa da nossa raça”. Em um artigo de comemoração ao aniversário de um ano do *Getulino* aparece outra referência como *Getulino* emancipador:

Há um ano que seus fundadores, cheio de entusiasmo pela ideia que lhes nascera no cérebro criador resolveram levar até ao fim tão alevantada aspiração: **Emancipar moralmente seus irmãos, que outrora escravizados, embrutecidos abjetos não podiam dar cumprimento ao sublime imperativo da caridade bíblica.** (O GETULINO, 1923, p. 2 – Grifo nosso)

Desta maneira, a abolição é presente nos inúmeros artigos do jornal. Assim, como os abolicionistas do século XIX estavam pregando a emancipação das escravidão, o *Getulino* também estava querendo libertar os “homens de cor” que todavia seguiam com os resquícios da escravidão porque estavam “em completo estado de atraso, “Analfabetos, embrutecidos, alcoólicos, inconscientes carregando no organismo uma pesadíssima contribuição de males hereditários e heranças atávicas”. Para que a emancipação fosse realmente concretizada o *Getulino* se propõe como agente libertador através da educação moral e intelectual.

Contudo, a “campanha abolicionista” está presente e é representada a partir de quatro características: a primeira, a partir dos ícones abolicionistas; a segunda, a partir de fotografias; a terceira, a partir leis que antecederam a abolição e a quarta e última, a concretização do 13 de maio. Portanto, os agentes produtores do jornal buscavam concluir essa liberdade.

## 2.6 Negros e Brancos no *Getulino*: relações raciais e a ideologia permanente

Durante todo o percurso dessa dissertação viemos falando de certa ideologia que fez parte da construção do pensamento da sociedade brasileira, que legitimaram ações governamentais, e, portanto, das relações raciais e sociais do cotidiano dos brasileiros. E, portanto, ainda nos perguntando se essa ideologia adentrou na comunidade negra. Cabe a este capítulo analisar tal questionamento.

Neste capítulo analisaremos como que um jornal “feito por negro e para negros” representam a si como sujeitos “negros”, o “nós” e como representam os “brancos” os “eles”, em um contexto em que os “nós brancos” da elite intelectual e econômica representavam os “eles negros” de forma estereotipada, e que acreditavam que o

outro – negro - causava o mal para a civilização e para o progresso brasileiro, e que portanto, precisava ser extirpado da sociedade.

Um tipo de análise já foi comum na historiografia brasileira, basta retornarmos o livro de Preto no Branco do historiador Thomas Skidmore (2010) que analisa o pensamento da elite brasileira acerca do nacionalismo e da questão racial. Do mesmo modo, as pesquisas de Lilia Schwarcz que analisaram o olhar das elites intelectuais e política sobre os “nós” x “eles”. Ou seja, as análises presentes foram a partir da visão dos atores que exerciam a hegemonia.

Aqui pretendemos inverter a análise. Ou seja, investigaremos como que o pensamento hegemônico da “Ideologia do branqueamento” influi sobre a construção dos “nós” x “deles”, mas a partir de uma produção dos sujeitos subalternizados, ou seja, é o *Getulino* que aqui é analisado como um produto de um grupo de subalternos. Aqui buscamos analisar como que as identidades raciais são construídas nesses jornais.

Antes de tudo reconhecemos que o *Getulino* é um jornal de seu tempo. Ou seja, está inserido no contexto de início do século XX e, portanto, como historiador tento analisar de forma minuciosa suas entrelinhas e reconhecendo que os produtores, colaboradores do Jornal, mesmo sendo sujeitos subalternizados, não constitui de um grupo homogêneo e que carrega contradições. Partindo de seu nome *Getulino*, que já analisamos no capítulo anterior que é um significado presente no jornal. É o próprio Luís Gama (*Getulino*) que foi o primeiro negro a reafirmar sua origem africana e questionar os mulatos que se passavam por brancos Lucinda (1996). Do mesmo modo que, o *Getulino* se orgulha de ter sua produção dirigida por “homens de cor”, mas também tinha colaboradores brancos.

Ademais, aí está presente, como veremos a “Dupla Consciência” no qual os “homens de cor” buscam reafirmar e criar uma identidade étnica vinculada com um contexto nacional, em um contexto em que as elites do seu país a renegaram e apregoavam a supremacia branca. Por isso, como já apresentamos, o conceito de “Dupla consciência” nos é importante para tal análise, por que, quando Du Bois o pensou em seu contexto de terror racial dos linchamentos, da violência da escravidão e de supremacia branca, mas que queria conquistar a cidadania. Para Paul Gilroy:

Em particular, tomando exemplos do conceito de dupla consciência de Du Bois, estenderei seu argumento implícito de que as culturas dos negros da diáspora podem ser proveitosamente interpretadas como expressões das – e

comentários sobre as – ambivalências geradas pelas modernidades e seus posicionamentos [locations] dentro dela. (GILROY, 2012, p.134)

No artigo *Negros de Alma Branca?* Petrônio Domingues analisa como a ideologia do branqueamento se fez presente na comunidade negra de São Paulo no início do século XX e para isso ele considerou os aspectos da ideologia do branqueamento em: “O branqueamento de ordem moral e/ou social”; “Branqueamento estético”; “Branqueamento biológico”; e nos contos da imprensa negra. Tendo essas referências para análise e consideramos alguns aspectos: do Branqueamento nacional, o racismo científico e Brancos x Negros.

O primeiro aspecto a ser analisado é como o *Getulino* representa o projeto imigracionista em um contexto que não havia encerrado a política imigratória que chamaremos de branqueamento nacional. Ou seja, qual é a percepção do *Getulino* diante de uma política que buscou a imigração branca europeia, mas repeliu a “raça negra” e a “raça amarela”.

Veremos como que aparece o projeto imigracionista. A questão da imigração aparece no *Getulino* a partir de dois momentos. O primeiro a partir de uma possível projeto de imigração de negros estadunidense para o Brasil. E no segundo momento, quando faz referência ao debate na câmara que incita a proibição da entrada de homens de cor.

A primeira referência de um possível projeto de imigração de negros estadunidense aparece em uma pequena coluna na edição nº 4 de 19 de agosto de 1923. Nela é noticiado que foi divulgada nos jornais do período que o “Jornalista Abbot<sup>12</sup>, o líder da raça preta dos Estados Unidos, está provocando um incidente diplomático”, pois haveria de trazer um projeto de imigração negra para o Brasil.

No texto, o *Getulino* apresenta um estranhamento ao projeto e o olha com desconfiança a visita de Dr. Abbot e demonstra rejeição ao projeto.

Oxalá que esse estado de coisas melhore, ou fique como está, não se realizando; o que dizíamos quando no começo d’aquela seguinte questão, **demostramos, os perigos que nos expúnhamos a si o Brasil se abarrotar de irmãos nossos, na verdade, mas de costumes, sentimentos e religiões diversos.** (O GETULINO, 1923, p. 1 – Grifo nosso)<sup>13</sup>

<sup>12</sup> O Dr. Robert Abbot foi um empresário de sucesso, criador do jornal também da imprensa negra Chicago defender viajou pelo mundo e esteve de visita ao Brasil no ano de 1923 e o *Getulino*, noticia a presença deste, ademais, os artigos apresentam a visita do Dr. Robert Abbot com pesadas críticas.

<sup>13</sup> *Getulino*, 19 de agosto de 1923, p.1.

A primeira referência do projeto de imigração no jornal apresenta uma situação que nos parece ser paradoxal, ao mesmo tempo que fala dos “perigos que nos expúnhamos” na chegada dos negros estadunidenses, mas os chamam de “irmãos nossos”. Mas, o que seria esses “os perigos” que os negros estadunidenses iriam trazer? Para responder essa questão analisamos as edições seguintes, pois, a história da suposto projeto de imigração não acaba somente nessa publicação. O *Getulino* nas edições seguintes continuou opinando sobre o projeto em colunas com título “Cartas d’um negro I”, aqui pedimos licença para reproduzimos o artigo na íntegra:

Cartas d’um negro I

**A imigração negra norte – americana, prejudica a solução do problema negro brasileiro e ameaça a harmonia da raça e a paz da nação.**

**Estamos alistados no exército daqueles que combatem em todo e qualquer terreno, a invasão do negro norte-americano. Apoiamos francamente atitude patriótica assumida pelo governo ante grave ameaça da imigração negra, e a combateremos vigorosamente pela pena e pela palavra porque ela representa, indiscutivelmente, o maior prejuízo para a solução do problema negro brasileiro.** Os poucos minutos de que dispomos, entre a banca de escriturário e o gabinete de publicista, vão ser aproveitados na elaboração de uma série de artigos, estudando ligeiramente quais os inconvenientes desse verdadeiro presente de grego... norte-americano. Os poucos minutos de que dispomos, entre a banca de escriturário e o gabinete de publicista, vão ser aproveitados na elaboração de uma série de artigos, estudando ligeiramente quais os inconvenientes desse verdadeiro presente de grego...norte americano. Antes, porém de entrarmos no terreno técnico desse novo perigo pátrio, antes de iniciarmos o estudo analítico desse palpitante problema nacional, ordena a voz do sangue volvermos os nossos olhares para esse país distante e de poder fantástico, onde tudo é grande menos o coração do homem. E uma evocação fraternal do nosso espírito e um brado doloroso da nossa alma, dirigidos a essas doze milhões de homens negros, perseguidos martirizados, linchados, queimado, enfim, para essa formosa geração de heróis condenados ao mais bárbaros dos extermínios. Nos, os pretos brasileiros não repelimos os nossos irmãos norte-americanos, não somos alheios a sua sorte e acompanhamos com máximo interesse e maior carinho todos os acontecimentos sociais do nosso povo lá dentro dessa babilônica republica. Mas, a solução do problema negro norte-americano está colocada numa situação extremamente diferente do brasileiro pelo que, materialmente, precisamos agir em separado, tanto quanto em conjunto, quando tivermos que agir espiritualmente. A vinda dos negros norte-americanos será o golpe de morte para aquela obra matemática, do desaparecimento gradativo da raça negra no Brasil. Além disso, não nos parece seja essa imigração em massa, o alvitre único e salvador, capaz de resolver o grave problema social que tanto preocupa a atualidade norte-americana. Essa viagem do dr. Abbot, o milionário Negro, famoso jurista e um dos mais vibrantes polemistas da América do Norte, seria única e exclusivamente feita para o Brasil? Não será essa viagem o início prático do programa expansionista da “Universal Negro Improvement Association”? Ou teria Abbot sido um missionário inteligente da poderosa “National Association for the Advancement of the Coloured People”? Muito teremos que escrever acerca do momentoso assunto e também dos drs. Abbot, Modest, e outros que visitaram já, ingonitamente, à nossa bela pátria. Para nós que lemos

muito e estudamos dia e noite os problemas da raça negra no mundo não foi e não é ainda surpresa o rumo que vai tomando a tentativa da conhecida e tão discutida imigração negra norte-americana. Quem leu Trotter, doutor graduado da Universidade de Havard, nos trabalhos publicados no “Boston Guardian”; quem acompanhou tudo que se passou na “Internacional Negro Conference”, inaugurada em New York a 2 de agosto de 1920, com a presença de 200.000 negros aclamado o maior juriconsulto do mundo, Marcus Harvey, não poderia receber sem restrições, a visita do redator-proprietário do “Chicago-Defender”. É por ignorar muito do que no correr destes artigos vamos expor, que houve quem censurasse o governo pelo mundo todo cheio de especial desconfiança, com que foi recebida a embaixada ne- grado missionário Abbot. Os nossos diplomatas não dormem, e por isso os poderes supremos da Republica e os altos políticos da nação e estavam ao corrente de tudo, até mesmo da estranha curiosidade abotina... E realmente para se lamentar que a “Associação Protetora dos Brasileiros Pretos, desta cidade, tivesse apoiado com entusiasmos a missão desse ilustre home, mandando um emissário ao Rio para ouvi-lo. Assim procedendo a “Protetora” apenas desprotege. (O GETULINO, 1923, p. 1 – Grifo nosso)

O artigo está assinado por Benedito Florêncio e numa primeira leitura nos faz levantar inúmeras questões. Já que a imigração nesse contexto ainda é presente nos anos 20 por que o jornalista se posiciona contra a presença de uma possível imigração negra no Brasil enquanto ainda chegavam muitos imigrantes oriundo da Europa? Essa posição demonstra que o jornalista não queira a entrada de homens de cor no Brasil? Essa posição seria uma representação da “Ideologia do Branqueamento”?

Seu subtítulo afirma que a vinda de negros-norte-americanos prejudicaria a solução do problema racial no Brasil, assim estava reproduzindo um discurso que já era comum (algumas décadas mais tarde fez presente na historiografia brasileira em que a escravidão brasileira foi mais branda em comparação com a dos Estados Unidos) mas, foi durante o movimento abolicionista se criou uma imagem de que os Estados Unidos era mais racistas do que Brasil. Ademais, no Brasil dos anos 20 as notícias sobre o linchamentos nos Estados Unidos eram noticiados na imprensa nacional em um contexto que no Brasil já circulava um ideário de harmonia racial Mello (2004). Portanto, no artigo é possível identificar partes que do sofrimento dos negros americanos: “doze milhões de homens negros, perseguidos martirizados, linchados, queimado, enfim, para essa formosa geração de heróis condenados ao mais bárbaros dos extermínios”, ademais, mesmo que eles eram “nosso irmãos”, mas trariam as diferenças que acabariam com a harmonia nacional.

O que fica evidente com a projeção de que os pensadores faziam e no artigo o autor precisa concordar, e por isso exprime repulsa, aos “nossos irmãos: “A vinda dos negros norte-americanos será o golpe de morte para aquela obra matemática, do

desaparecimento gradativo da raça negra no Brasil.” Nos primeiros capítulos abordamos como que os pensadores da virada do século projetavam o desaparecimento do negro com a imigração branca, e aqui, o *Getulino* concorda com a tal previsão.

“Nas edições seguintes as publicações seguem com, “Cartas d’um negro II”, e na seguinte edição o artigo “Cartas d’um negro II” é repetido, mas com adição de uma informação “Reproduzido por ter sabido cheio de incorreções”, Cartas d’um negro III” – os artigos continuam sendo assinados por Benedito Florêncio – e o mesmo subtítulo em negrito se repete com os seguintes dizeres: **“A imigração negra norte-americana, prejudica a solução do problema negro brasileiro e ameaça a harmonia da raça e a paz da nação”**”.

Mas, no segundo artigo fica evidente o descontento do *Getulino* pelo fato de Dr. Abbot não

Vir ao Brasil e não visitar o Estado de São Paulo! Pois, o sr. Abbot não fez outra coisa; chegou ao Rio precipitadamente instalou-se num luxuoso hotel, fez umas conferencias fartas de interesse e para desviar a opinião pública do verdadeiro objetivo da visita, não visitou os nossos maiores jornalistas ou homens públicos, não confabulou com nenhum homem preto de responsabilidade político social; enfim, tornou a sua viagem suspeita e misteriosa.[...] O missionário campeão da raça negra, nem sequer publicou uma mensagem de saudação, dos pretos norte-americanos seus irmãos mais felizes do território sul americanos! (O GETULINO, 1923, p. 1)

O projeto imigracionista iniciou no Brasil em meados do século XIX e foi uma defesa para a substituição de mão de obra, e ademais, um projeto de europeização do Brasil com a previsão de extinção do negro do Brasil. Ao primeiro olhar, a questão da imigração negra representada pelo *Getulino* nos parece ser uma negação da participação destes negros no território nacional, no entanto, analisaremos mais afundo encontramos elementos comum ao discurso oficial da proibição da entrada de negros. Nesse sentido, que as críticas apresentadas a visita de Dr. Abbot ao Brasil nos apontam a percepção do *Getulino* a cerca de um possível projeto de imigração negra que nunca aconteceu, a partir desses artigos do *Getulino* fica evidente o desagrado pela suposta imigração negra traria e acabaria com um projeto de “harmonização da raça negra no brasil”.

Aqui o segundo caso para analisar o contexto imigracionista. A questão aparece editoriais e artigos que abordam sobre um debate na câmara, a cerca de um projeto que visava a proibição de entrada da “raça negra” e de restrição a de “raça

amarela” e por outro lado, estimular a entrada de europeus no Brasil. Nesse sentido, que o *Getulino* representa esses acontecimentos.

O projeto tinha sido reelaborado pelo Dr. Fidelis Reis e em 1923 apresentado a câmara. De acordo com Thomas Skidmore (2010) o projeto que proibia a entrada de “raça negra” no Brasil já tinha sido elaborado por “Dois deputados federais, Andrade Bezerra (Pernambuco) e Cicinato Braga (São Paulo)”, apresentado a câmara e não foi aprovado. Mas, “Fidelis Reis, deputado federal por Minas Gerais, apresentou uma versão ligeiramente modificado do projeto.

O projeto foi apresentado na câmara Federal em 22 de outubro de 1923, mas a primeira referência ao Dr. Fidelis Reis aparece em um artigo nº19 “Repulsa Expecto de Coelho Neto”, que é uma publicação que critica uma proposta de projeto de imigração de afro-estadunidenses para o Mato Grosso e para o Amazonas. E concluí com os seguintes dizeres,

Estas palavras do ensine mestre da palavra e secretario da Liga de defesa Nacional e escritas em 1921, são bem oportunas na atualidade, agora que os Americanos querem apoderar de grande território do Amazonas, agora que o **Deputado Fidelis Reis apresentou um magnifico projeto que não só cuida do destino da nação, como também da providencia em repelir o elemento negro americano, dejetto das pátrias dos louros.** (O GETULINO, 1923, p. 2 – Grifo nosso)

Assim, o artigo não critica o projeto do Dr. Fidelis Reis, o chamando de “magnifico projeto”, mas, o tom do jornal é nacionalista pois, fala que “os americanos querem apoderar de grande território do amazonas”, e do “elemento negro americano”, da mesma forma que nos artigos de Benedito Florêncio fala de “invasão”.

Nos editoriais do nº 23 “Branços Negros e Mulatos” e do nº 25 “Os Negros nos Estados Unidos e no Brasil”, por Evaristo de Moraes, retomam a fala de Dr. Fidelis Reis na câmara federal. Assim, o Editorial inicia falando do debate do projeto que estava acontecendo na imprensa e no Congresso:

Renovam-se os debates, na Câmara e na imprensa, acerca da questão racial, provocados por um projeto do Deputado Dr. Fidelis Reis, visando proibir, em absoluto, a entrada no Brasil, de colonos de raça preta. Mais jeitosa do que a anterior, obra apressada dos drs. Cincinato e Andrade Bezerra, surge a nova pretensão de envolta com outras medidas referentes ao problema imigratório e com a restrição da entrada de colonos de raça amarela. **Sente-se, porém, que a investida é, principalmente, contra os negros, e, em especial, contra os negros norte-americanos, cuja vinda apavora desde algum tempo, os brancos e quase-brancos desta nossa terra.** (O GETULINO, 1923, p. 2)

Aqui fica evidente que o *Getulino* está atento ao debate acerca do projeto que proibi a entrada de colonos de “raça preto” e “raça amarela”, ademais, e demonstra que a “vinda apavora desde alguns tempos, os brancos e quase-brancos”. A partir desses editoriais Evaristo de Moraes: “Abordaremos tão somente alguns pontos do discurso, por mais de um motivo interessante, com que o Dr. Fidelis fundamentou o seu projeto”, mas o que fica evidente que nos pontos que São Fundamentais para Evaristo de Moraes, não recai não pela proibição da entrada da “raça negra” ou “raça amarela”, mas sim, pelo fato que o Dr. Fidelis se apoiarem em teóricos que viam a mestiçagem como algo degenerativos como Lapouge e Gobineau.

O jornalista do *Getulino* não faz critica os projetos que impede a entrada da “raça preta” e da “raça amarela” no Brasil. Ao contrário disso, o *Getulino* no contexto dessas publicações do projeto que rechaça aos não-brancos, tem-se uma admiração pelo europeu.

O elemento estrangeiro que aporta às nossas, é portador de uma outra educação da razão, traz na bagagem da sua atividade outras energias que nós os brasileiros brancos, pardos e pretos, não temos atualmente. [...] O Brasileiro negro esse ai é naturalmente inimigo do trabalho é indolente é preguiçoso, mas não por sua culpa. O nosso negro é atavicamente um vitimado passado e do viciado cativo de quatrocentos anos.<sup>14</sup> (O GETULINO, 1923, p. 2)

Assim, nesse fragmento é possível perceber que estão presentes vários sujeitos de diferentes origens o “elemento estrangeiro” e o “elemento nacional” que constitui de brancos, pardos e pretos. Os primeiros representam a educação e a razão. Já os segundo, que até inclui os brancos não tem esse valor. E os negros são “inimigos do trabalho”, “indolente”, preguiçoso, mas que seriam vítimas do passado escravagista. A herança da escravidão aparece em um artigo que questiona, o “porque de não haver negros doutores”, então, o *Getulino* responderá afirmando que,

A emancipação do elemento servil efetivou-se em 1888. Isto é, exatamente há 35 anos. Nessa época os libertos foram entregues á comunhão nacional em completo estado de atraso. Analfabetos, embrutecidos, alcóolicos, ine [...] u [...] ientes, carregando no organismo uma pesadíssima Contribuição de males hereditários e heranças atávicas, os pretos constituíram no momento um perigoso invasor na harmonia social da nação. Inferiores em tudo ao seu competidor branco, os pretos tiveram que lutar homéricamente, para não ser a sua raça exterminada do convívio brasileiro. Sem educação, sem dinheiro sem ofício, sem o direito da igualdade, o negro não pode desde logo competir

---

<sup>14</sup> *Getulino*, 26/08/1923

com os seu ex-escravizadores, e, teve por isso que se manter em deplorável estado de condição social. Ora, até que o negro pudesse compreender a diretriz a tomar e se desvencilhar do lodo da escravidão, para haurir certos princípios e ter certas noções. (O GETULINO, 1923, p. 2)

Assim, o *Getulino* inúmera os “vícios” que os negros carregavam pelo seu passado escravo, em “estado de atraso”, “analfabetos”, “embrutecidos”, “alcoólicos”, “males atávicos”, “heranças atávicas” e correspondiam um “perigo invasora na harmonia social da nação”. Desta forma, que os “males da escravidão ainda era presente nos ex-escravos.” Ou seja, os “males” que o *Getulino* representa foi comumente comentado pelos abolicionistas, no qual caracterizavam os “males da escravidão” como meio de condená-las, e o *Getulino* não fica distante ao representar tais características.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Getulino*, um jornal produzido para os homens e mulheres “de cor”, está inserido em um país que foi construído pelo sangue e suor dos africanos e seus descendentes. Como cada contexto tem em seus fundamentos e valores baseado em uma ideologia dominante.

Quando o *Getulino* era produzido a ideologia do branqueamento era hegemônica, assim, essa ideologia mobilizava as políticas de imigração europeia, que perseguia as práticas de origem africana, e reafirmava a superioridade do branco em contraposição à inferiorização dos “outros”, rechaçava os africanos e seus descendentes, era a herança estrutural do racismo colonial que ainda segue vigente na sociedade brasileira.

O semanário que teve uma vida de apenas três anos teve um papel importante, por seu esforço para mobilizar a população que outrora tinha saído da escravidão e estava desemparrada, marginalizada e esquecida. Não somente para os “homens de cor” de Campinas e região, mas sim, para os descendentes de africanos do Brasil.

Vimos que em suas páginas o cotidiano, os projetos, as articulações estavam presentes na escrita do semanário, que na dificuldade de fontes para estudar o pós-emancipação a imprensa negra é crucial para as investigações dos negros e negras. E desta maneira, foi possível ler o *Getulino* de maneira que o percebemos como um semanário que busca o reconhecimento da participação dos “homens de cor” na construção do Brasil.

Reforçamos que o *Getulino* é um periódico de seu tempo, então, tem muito a nos dizer sobre o contexto da virada do século XIX para o XX. O problema aqui levantado, foi o de analisar como que o *Getulino*, um jornal “feito por negro e para negro” se comporta diante da “ideologia do branqueamento”. Assim poderia ser analisado inúmeras outras questões, pois o jornal nos possibilita inúmeras leituras.

O *Getulino* está atento com os debates que está ocorrendo no Brasil, conhece a “política do branqueamento”, que em muitos de seus editoriais em parte reproduz. Ademais, o *Getulino* também aborda e critica o racismo científico que estava presente no seu contexto.

Quanto guerra a negritude o *Getulino* reconhece a presença dos preconceitos de cor que os negros brasileiros e campineiros passavam. Como Andreas Hofbauer nos apresenta a “ideologia do branqueamento” não é apenas um produto do final do século XIX, mas é uma ideologia presente em vários contextos históricos. Nas páginas do *Getulino* é possível perceber que a “Ideologia do Branqueamento” aparece nas entrelinhas do jornal, pois, a nação brasileira foi pautada nesses moldes e como nos apresenta Franz Fanon que o racismo colonial aliena os colonizados-racializados o fazendo buscar a brancura que o europeu cria.

Por outro lado, o *Getulino* busca reafirmar a participação dos africanos na construção do Brasil, na busca de uma cidadania, e portanto, são negros que estão diante de uma “dupla consciência”, em uma nação que afirma a superioridade do homem branco, o terror racial e rechaço o negro, mas o mesmo *Getulino* tem uma admiração pela cultura europeia, pois, essa era que dominava.

A leitura que propomos fazer do *Getulino* é uma de dentro de múltiplas problematizações, que a imprensa negra como uma produzida pela a poluição negra deve ser contemplada pela a historiografia brasileira, e a encerro com as palavras de Fanon: “Todas as vezes em que um homem fizer triunfar a dignidade do espírito, todas as vezes em que um homem disser não a qualquer tentativa de opressão do seu semelhante, sinto-me solitário com seu ato” .

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 529 p.

ANDREWS, George R. **Afrolatinoamerica 1800-2000**. Madrid: Iberoamericana, 2007.

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de Carapinha**. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: Editoraz da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945**. São Paulo: Editora brasiliense 1989.

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca. **Além da Escravidão**. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala a Colônia**. Emília Viotti da Costa. – 5.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Os jornais dos filhos e netos de escravos (1889-1930). In: \_\_\_\_\_ . **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p.19-58.

\_\_\_\_\_, Petrônio. **Negros de almas brancas?** A ideologia do branqueamento no Interior da Comunidade negra em São Paulo 1915-1930. Estudos Afro-asiáticos. Rio de Janeiro, Ano 24, n.3, p. 563-599, 2002

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro:** modernidade e dupla consciência. Paul Gilroy; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 2012.

GUIRRO, Leandro Antônio. **Intelectualidade e imprensa negra paulista:** os casos do Getulino e Progresso (1923-1931). 2013. 132 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2013

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Stuart Hall. Rio de Janeiro. ED: Apicuri, 2016

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão.** Andreas Hofbauer. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MARQUES, José Geraldo. **Imprensa e resistência negra: o projeto integracionista em discursos do Getulino** / José Geraldo Marques. - Campinas, SP, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio:** os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta:** a imprensa negra no século XIX (1833- 1899). Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2006.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Saber do Negro**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas ,2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem Preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

\_\_\_\_\_, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_, Lilia Moritz. **Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.225-242.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. 2ª ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

WALTER, Fraga Filho. **Encruzilhadas da Liberdade: história de escravos e libertos na Bahia (1870- 1910)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

**On line:**

Getulino (1923-1926) – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

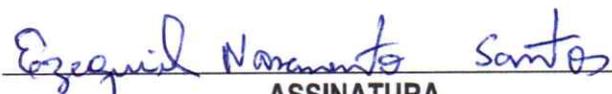
Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/getulino/844900>>



## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Ezequiel Nascimento Santos, matrícula nº18104359 declaro para todos os fins que o texto em forma de (x) Dissertação de mestrado ou ( ) Tese de Doutorado, intitulado O Getulino: um jornal negro no contexto de “Ideologia do branqueamento”. Campinas, 1923-1926, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Belmonte – Ba, 22 de dezembro de 2020.

  
\_\_\_\_\_  
**ASSINATURA**